



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

WAGNER PAVARINE ASSEN

EVANGELIQUÊS

**OBSERVAÇÕES SOBRE OS JARGÕES RELIGIOSOS UTILIZADOS NA
COMUNIDADE CRISTÃ EL SHADDAI, EM CAMPO GRANDE / MS**

Campo Grande/MS
2017



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

WAGNER PAVARINE ASSEN

EVANGELIQUÊS:

**OBSERVAÇÕES SOBRE OS JARGÕES RELIGIOSOS UTILIZADOS NA
COMUNIDADE CRISTÃ EL SHADDAI, EM CAMPO GRANDE / MS**

Campo Grande/MS
2017

WAGNER PAVARINE ASSEN

Evangeliquês: Observações sobre os jargões religiosos utilizados na Comunidade Cristã El Shaddai, em Campo Grande / MS

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Produção de texto oral e escrito: Sociolinguística

Orientador: Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes

Campo Grande/MS
2017

A863o Assen, Wagner Pavarine

Evangeliquês: Observações sobre os jargões religiosos utilizados na comunidade crista El Shaddai, em Campo Grande /Wagner Pavarine Assen. Campo Grande, MS: UEMS, 2017.

103 p. ; 30cm.

Monografia (Especialização) – Ensino do texto – Universidade do Estado de São Paulo, 2004.

Orientador: Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes.

WAGNER PAVARINE ASSEN

Evangeliquês: Observações sobre os jargões religiosos utilizados na Comunidade Cristã El Shaddai, em Campo Grande / MS

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Produção de texto oral e escrito: Sociolinguística

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes – Presidente
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Luiz Carlos Pais – titular
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

Prof. Dr. Daniel Abrão – titular
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Geraldo Vicente Martins – suplente
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

Profa. Dra. Aline Saddi Chaves – suplente
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Campo Grande/MS, 6 de março de 2017.

À família, pelo amor divino.

AGRADECIMENTOS

A Deus, a família, pelo carinho e amor dedicado em todos os momentos, a meu estimado orientador Prof. Dr. Nataniel Gomes, por sua amizade, comprometimento e parceria, aos professores da pós-graduação. A Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, a Capes/Cnpq e a Fundect/MS e as Bancas de Qualificação e Defesa.

RESUMO

À luz da Sociolinguística Variacionista e norteados pelos pressupostos de Labov (1972), investigou-se o uso de jargões na Comunidade Cristã El Shaddai, uma igreja evangélica em Campo Grande, MS. O objetivo da pesquisa é estudar os aspectos sociolinguísticos contidos na ocorrência dos jargões, descrever e explicar como os fiéis evangélicos da referida igreja fazem uso destes para se identificar ou se inserir/adequar em seu contexto comunitário. Como norte para o estudo e análise dos jargões, o presente texto tem como suporte teórico os postulados históricos sociais da linguagem de Burke e Porter (1995), tendo em vista as relações entre doutrina, ideologia e inserção comunitária pelo modo de fala da comunidade. A comunidade selecionada conta com mais de três mil membros participantes. Este estudo aborda questões que transitam entre a fé religiosa e linguagem, de modo que seja possível entender o uso dos jargões, revelando a importante reflexão sobre a interação social da linguagem. Pretti (1984), Mollica (2012) e Camacho (2013) entre outros teóricos serviram de aporte para a pesquisa, bem como Weber (2013) Léonard (2002), entre outros, e suas contribuições sobre o protestantismo brasileiro. Para tanto, foram realizadas visitas frequentes a comunidade. Visitas estas empreendidas nos cultos, células (reuniões nos lares) e encontros que ocorrem fora da igreja física, para que se pudesse obter o *corpus* para análise.

Palavras-chave: sociolinguística; religião; jargão; língua falada; evangélicos.

ABSTRACT

In the light of Sociolinguistics, the use of jargon in the Evangelical Church El Shaddai, an evangelical Christian community in Campo Grande, MS, was investigated. The purpose of the research is to study the sociolinguistic aspects of jargon, to describe and explain how evangelicals of the church use these to identify themselves or to fit in their community context. As the north for the study and analysis of jargon, the present text has as theoretical support the social historical postulates of the language of Burke and Porter (1997), in view of the relationship between doctrine, ideology and community insertion by the community's way of speaking. The selected community has more than 3,000 participating members. This study addresses issues that move between religious faith and language, so that it is possible to understand the use of jargon, revealing the important reflection on the social interaction of language. Pretti (1984), Mollica (2012) and Camacho (2013) among other theorists served as contributions to the research, as well as Weber (2013) Léonard (2002), among others, and his contributions on Brazilian Protestantism. For this, frequent visits to the community were made. Visits are undertaken in cults, cells (meetings in homes) and meetings that occur outside the physical church, so that the corpus can be obtained for analysis.

Keywords: sociolinguistics; religion; jargon; spoken language; Evangelicals.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. OS CRISTÃOS EVANGÉLICOS: TRAJETO HISTÓRICO.....	16
1.1. A fé cristã: primórdios e origens.....	16
1.2. As cisões.....	23
1.3. A Reforma.....	28
1.3.1. A chegada ao Brasil.....	31
1.3.2. Impacto social.....	34
1.4. As divisões atuais no Brasil: (Ana) Batistas e Presbiterianos, Pentecostais e Neopentecostais.....	35
1.5. Os Evangélicos na atualidade	39
2. A SOCIOLINGÜÍSTICA.....	41
2.1. A Lingüística.....	41
2.2. Divisões da Linguística.....	43
2.2.1. A Linguística Estruturalista de Saussure.....	46
2.2.2. A Linguística Gerativista de Chomsky.....	49
2.3. A Sociolinguística.....	49
2.3.1. A Origem.....	53
2.3.2. Objetivos da Sociolinguística.....	53
2.3.3 A Metodologia.....	54
2.3.4. As Variantes Linguísticas.....	55
3. O FALAR EVANGÉLICO.....	62
3.1. Definindo “jargão”.....	64
3.2. A Comunidade Cristã El Shaddai.....	71
3.3. A coleta de dados.....	73
3.3.1. A discussão sobre jargões.....	75
3.4. A Análise.....	
3.4.1. Os tipos de jargões.....	77
3.4.1.1. Jargões de interjeição ou Saudação.....	77
3.4.1.2. Jargões de Exortação ou admoestação.....	82
3.4.1.3 Jargões de estímulo.....	

Considerações finais.....	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99

INTRODUÇÃO

A expressão cultural dos povos se propaga por intermédio da linguagem. Com a religião não é diferente. As manifestações culturais se desenvolvem e se consolidam graças à integração entre sujeito e seu meio, nas diferentes religiões tanto ocidentais como orientais a identidade religiosa se constrói de igual modo. É por meio da linguagem que, no quesito religião, filosofias e ritos são propagados e perpetuados.

Por intermédio da comunicação, as marcas ideológicas de um povo se expressam, possibilitando, pela língua falada, a perpetuação de costumes e de preceitos morais ou de comportamento que são passados as próximas gerações. As lideranças religiosas, ao longo do tempo, discursaram em suas comunidades, então os denominados “copistas” registravam as falas dos mensageiros que falavam em nome de deus, com o objetivo de registrarem aos demais que não ouviram ou para que esta mensagem não se perdesse com o passar do tempo. Isso também ocorreu com a Filosofia.

Os movimentos religiosos se formaram e se consolidaram por meio de líderes espirituais que propagaram suas diferentes filosofias junto ao seu povo. As três maiores religiões monoteístas do mundo, judaísmo, islamismo e cristianismo, possuem mesma raiz fundadora, Abraão. Conhecido como “pai da fé”, Abraão tem em sua descendência, Ismael e Isaque, a origem dos movimentos de relevante expressão e reverberação.

Estudar o falar do cristão evangélico pelo viés da Sociolinguística é entender os aspectos socioculturais entre língua e religião que formam a comunidade cristã de fala. A Sociolinguística tem como objetivo estudar a língua falada inserida e pertencente a um determinado grupo e seu contexto social. Logo ela vai observar, descrever e analisar esta em situações reais de uso. Segundo Alkimin

o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. Em outras palavras, uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras. (2001, p. 31)

Por meio do jargão, que é o objeto de nossa pesquisa, é possível identificar o seu uso em uma determinada comunidade de fala é refletir sobre quais aspectos constroem

esta comunidade, mesmo que seja difícil definir ou delimitar o que seja *comunidade de fala* propriamente dita, como antecipado por Labov, haja vista que não define comunidade o modo homogêneo de fala de seus membros e sim as normas relativas ao uso da língua.

A relação entre aspectos linguísticos e sociais produz variação, seja de algo já existente ou a criação de algo novo. O foco de nosso trabalho está no jargão utilizado pelos cristãos evangélicos, que se identificam, antes, pelo caráter religioso que os unem em uma irmandade. Assim para que se faça valer a relação de fraternidade o primeiro quesito, depois da fé, que os aproxima de maneira quase que hermética, é a fala. O uso de jargões identifica este falante e mostra a qual “tribo” ou comunidade pertence. No caso em questão, eles tendem a usar expressões encontradas em traduções da Bíblia mais usadas entre os evangélicos.

O objetivo da pesquisa é estudar os aspectos sociolinguísticos contidos na ocorrência dos jargões, descrever e explicar como os fieis evangélicos neopentecostais da Igreja Evangélica El Shaddai, situada em Campo Grande, MS, fazem uso destes para se identificar ou se inserir/adequar em seu grupo.

Como norte para o estudo e análise dos jargões, o presente trabalho tem como suporte teórico os postulados históricos sociais da linguagem de Burke e Porter (1995), tendo em vista as relações entre a doutrina, a ideologia e a inserção comunitária pelo modo de fala da comunidade. Nesse sentido, o presente trabalho aborda questões que transitam entre a fé religiosa e linguagem, de modo que seja possível entender os porquês do uso dos jargões, revelando a importante reflexão sobre a interação social da linguagem. Dino Pretti (1984), Mollica (2012), Calvet (2002) e Camacho (2013) entre outros teóricos serviram de aporte para a pesquisa, bem como Weber (2013) Léonard (2002) e suas contribuições sobre o protestantismo brasileiro. Para tanto, foram realizadas visitas frequentes à comunidade. Visitas estas empreendidas nos cultos, células (reuniões nos lares) e encontros chamados espirituais que ocorrem fora da igreja física, para que se pudesse obter o corpus para análise.

Neste estudo será considerada a premissa sobre jargões pelo viés da história social da linguagem de Burke e Porter (1995) como sinônimo das ideias sobre gírias de Pretti (1984). Enquanto Burke e Porter traçam características históricas sobre o jargão como a etimologia oriunda do francês, Pretti insere a noção mais contextualizada sobre gíria.

Jargões ou gírias são marcas características da linguagem de um grupo social, em sua maioria urbano, mesmo que o enfoque desta pesquisa não se delimite no aspecto geográfico e sim em caráter ideológico, de quesito religioso.

A noção de *gíria* que se tem atualmente não é a mesma dada para *jargão* no início do século XII, língua das minorias, marginalizada, a priori, fala quase que inteligível pela grande maioria. Gíria atualmente recebe a estigma do “não padrão”. Por isso cabe a ressalva, de que atualmente, o conceito gíria está permeado por uma manifestação política em seu uso, algo como uma bandeira que se levanta em militância ideológica, ora marginalizada ora pela concepção de “tribo”. Faz-se hoje manifesto de expressividade e identidade, a apropriação do uso de gírias faz do falante parte da comunidade de fala. Se outrora jargão era sinônimo de linguagem do submundo, na atualidade recebe força que se direciona como dialeto de um grupo fechado, uma linguagem de especificidade, como os jargões de cunho profissional, como os jargões médicos por exemplo.

Justificamos o interesse por essa temática tendo em vista a observação aos índices de considerável crescimento do número de cristãos evangélicos a partir dos anos 1990 em todo o Brasil. Somado a este crescimento o surgimento das vertentes *Neopentecostais*, originárias do movimento *Pentecostal* que se iniciou no Brasil no final do século XIX, onde se enquadra a comunidade cristã analisada.

Sendo o jargão (ou gíria) inerente e indissociável a um determinado grupo, é necessário explanar sobre as relações entre língua e grupo social. Esta pesquisa está dividida em três capítulos: o primeiro capítulo se debruça sobre a trajetória do movimento evangélico protestante no Brasil, tendo como objetivo conhecer e descrever o grupo social, definindo também o conceito de comunidade de fala para que se tenha o direcionamento adequado em relação às especificidades do falar deste grupo.

Consideraremos aqui a noção, sociológica, de *grupo social* o conjunto os indivíduos que são envolvidos pela mesma interação, que compartilham uma mesma consciência de membro. Pois é exatamente na interação que se obtém a noção de grupo social. Ou seja, compartilhar de uma mesma consciência transforma o que seria apenas “coletividade” ou “agregação” em grupo social propriamente dito.

Os evangélicos têm como base filosófica para suas crenças a Bíblia, professam entre si, a mesma crença nas Escrituras Sagradas e partem dela tanto a noção comportamental particular quanto à coletiva, como a de “corpo” e seus “membros”, por

exemplo. A interação neste caso é conjunta, grande ou pequeno número a consciência de unidade é perceptível e manifesta, dentre outras maneiras, primeira e essencialmente pela língua.

Definidos os conceitos sobre *comunidade*, se faz necessário estabelecer considerações sobre o *jargão*. A saber, que jargão pertence à comunidade, e que a noção de comunidade abarca em si o uso de *jargões*.

O segundo capítulo desta dissertação explana sobre os objetivos específicos, o processo metodológico e o aporte sociolinguístico que dão o cerne a pesquisa. Com a intenção de compreender como a Linguística pode analisar comunidade evangélica apontando considerações pertinentes do trajeto teórico. Com bases nos preceitos dos estudos que se opuseram ao Gerativismo de Chomsky. A Sociolinguística subárea da Linguística, teve seu início com os estudos de Labov na década de 1960 abarcando “a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando à atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais” (MOLLICA, 2013, p. 9). Nesta pesquisa correlacionaram-se aspectos inerentes à comunidade religiosa e seu modo de fala, mais especificamente pelo uso dos *jargões*.

Por fim, no último capítulo, é que se encaixa a aplicação dos preceitos da Sociolinguística para obtenção do produto analítico do *corpus* recolhido na pesquisa de campo. Será apresentada uma análise dos *jargões* a partir de sua etimologia, do sentido atual e de sua identidade dentro grupo selecionado. A pesquisa foi empreendida na Comunidade Cristã ElShaddai, igreja evangélica de diretriz neopentecostal localizada no bairro Coopahfé em Mato Grosso do Sul, fundada no final da década de 1990.

1. OS EVANGÉLICOS: TRAJETO HISTÓRICO

Para construção teórica do percurso histórico do movimento religioso que se denomina atualmente como *evangélico*, considerou-se nesta pesquisa os registros históricos documentais contidos na própria Bíblia, em sua segunda versão Revista e atualizada no Brasil, traduzida em português por João Ferreira de Almeida (), as contribuições documentais de Blainey (2012), Léonard (2002), Reily (2003). A história do cristianismo é narrada a partir do Novo Testamento, que é uma parte da Bíblia que se passa a partir do nascimento de Jesus Cristo, não será abordada em análise o percurso do Antigo Testamento, porção do livro sagrado adotada pelos judeus, salvo apontamentos necessários para o entendimento do trabalho.

1.1. A fé cristã: primórdios e origens

Os cinco primeiros livros que compõem o Novo Testamento, na Bíblia, os Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas, João e o livro de Atos, possuem um significativo valor documental. Eles narram de maneira bibliográfica o percurso que fez Jesus propagando sua mensagem. Descrevem sua ligação direta com as profecias contidas do Antigo Testamento que anunciavam sua vinda, premissas que deram origem ao judaísmo, desde seu nascimento até sua morte pelos romanos.

O livro de Atos, também conhecido como Atos dos Apóstolos, relata o nascimento da igreja, a reunião dos primeiros cristãos depois da morte e ressurreição de Jesus. O vocábulo *igreja* aparece pela primeira vez na Bíblia neste livro. Assim se forma a noção de comunidade, organizada pelos preceitos de Jesus e dos apóstolos. A partir disso os apóstolos, escolhidos por Jesus, começam sua peregrinação. Esse livro relata o que vem a chamar por historiadores e por teólogos de Igreja Primitiva.

No primeiro século d.C, o termo “cristão” era o nome dado aos seguidores de Cristo na cidade de Antioquia, tal como aparece registrado no livro de Atos, no capítulo 11. Este, assim como outras designações, como “os nazarenos” ou “os do caminho” aludiam aos que naquela cidade começavam as primeiras manifestações da crença em Jesus, os primeiros a construírem as bases comunitárias do cristianismo.

Os cristãos evangélicos¹ recebem este nome por professarem a crença nas premissas sagradas postuladas depois de Cristo, a teologia doutrinária construída pelos 12 apóstolos, mais Paulo – que também foi apóstolo, mas que não conviveu diretamente com Jesus – que escreveram os primeiros relatos do avanço da fé cristã. Os seguidores, também conhecidos como discípulos, tinham Cristo como mestre, o messias enviado por Deus como profetizado no Antigo Testamento, que foi escrito por sábios, por líderes do povo hebreu e por profetas que anunciavam a vinda do Messias enviado por Deus, o salvador espiritual e libertador do povo judeu.

O Novo Testamento, livros que compõem a Bíblia, organizados do Evangelho de Mateus a Apocalipse (tanto na versão católica quanto versão “protestante”) relatam a trajetória dos primeiros passos de Cristo, e como ele propagou sua mensagem ao mundo. Seu percurso por Jerusalém e regiões próximas à Palestina mobilizou fiéis e muitos adeptos de seus ideais, que acompanhavam o que os textos dos profetas do Antigo Testamento proclamaram. Sua filosofia abarcou a integração dos povos e principalmente o “amor ao próximo”, máxima cristã citada no Evangelho de Marcos, capítulo 12, entre os versículos 30 e 33, que, segundo ele, resumia toda a lei de Moisés, um dos líderes mais importantes dos judeus, no Antigo Testamento.

Para Castoldi (2014), “o período de Cristo não se fez importante apenas por remeter à figura messiânica que surgia, mais ainda por construir um momento por si só na existência do Império, que Império não era até pouco antes disso”. A emblemática figura de Cristo ocasionou reverberações que marcaram sua época e que se reverbera principalmente no ocidente até a atualidade.

Reverberações essas que se deram nas instâncias políticas, visto que sua morte crucificado foi ocasionada pelas contradições dos ideais políticos e religiosos entraram em choque com o Império. Afirma Castoldi (2014):

“Uma seita judaica chamada “cristã” se destacava e crescia rapidamente entre as demais. Começara bastante humilde em proporções, mas ganharia terreno

¹ “A origem e desenvolvimento do protestantismo brasileiro pode ser compreendida a partir de dois termos que voltam a ocupar a pauta de discussões relevantes na chamada Igreja Evangélica brasileira: evangelicalismo e fundamentalismo. O termo “evangelical” é um anglicanismo que originalmente equivaleria à totalidade dos cristãos que se identificaram com a Reforma Protestante do Século XVI. Por esta razão, muitas igrejas acrescentam ao seu nome o adjetivo “evangélico” como oposição a “católico”. Com o passar do tempo, o termo “evangelical” foi se distinguindo de “evangélico” – até o ponto em que se pode afirmar que todos os evangelicais são evangélicos, mas nem todos os evangélicos são evangelicais.” KIVITZ, Ed René. In. <http://www.lideranca.org/cgi-bin/mods/apage/apage.cgi?f=evangelicais.htm&apdir=destaques>. Acesso em 30 de janeiro de 2017.

numa velocidade surpreendente. Logo as comunidades cristãs se chocariam com o poder civil e a perseguição aos adeptos se tornaria política corriqueira entre imperadores, com uma variedade razoável de justificativas e amparos legais. (p. 19)

A história do cristianismo é marcada por perseguições, por torturas e por morte desde seu início. Tudo que era contrário aos preceitos culturais impostos pelo Império Romano dominante da época sofria serias retaliações. A figura expoente de Cristo, seus milagres, suas ideias, seus seguidores que aos poucos se transformavam em multidões se tornaram alvo certo da perseguição romana.

A saber, que como constata Castoldi (2014, p.21) “o estudo das origens cristãs tem um interesse que chega suplantando os estudos da Antiguidade em geral, por ser fonte de traços doutrinários que influenciaram a história da humanidade, além de construir até hoje a fé de milhões”. O cristianismo carrega desde o nascimento de Jesus, marcas de perseguição. Sua linguagem de igualdade, compaixão e justiça desde seu surgimento, provou, com a morte de seu líder e de seus apóstolos, que se tornaram mártires.

Como pondera Castoldi (2014), o movimento se caracterizou por uma alta relevância política, motivando algumas ações cruciais de cerceamento por parte do Império, o tempo de Herodes foi de extrema perseguição aos cristãos, em meio a mudanças constantes a falta de paz era a aflição dos primeiros seguidores, o nascimento de Jesus acontece neste período:

O Cristianismo surge na Palestina, região conquistada pelos romanos em 64 a. C. e anexada à Judéia em 40 a. c., governada então por Herodes, o Grande, que após morrer divide o território entre os filhos, fazendo recair o governo da região sobre Herodes Antipas, que fica com a Galileia. Segundo a tradição, aí nasce Cristo que funda a fé que conquistaria o Império. No relato bíblico é expressa a crença na profecia de um novo rei que viria, causa provavelmente relacionada ao infanticídio promovido por Herodes ao tempo do nascimento de Jesus, cujos pais se deslocariam à Belém para o censo proposto pelo Império. (CASTOLDI, 2014, p.22).

O cristianismo se consolida como religião em si somente após a morte de Jesus, “um momento chave quando pensamos no movimento cristão enquanto igreja é o dia de Pentecostes, que teria se dado no fim da primavera do ano 30 d.C.” (CASTOLDI, 2014, p. 22). O cristianismo se propagaria e alcançaria todo Império, antes mesmo de se tornar religião oficial, ao final do século I. Este evento que marcou a ascensão do movimento cristão está registrado na Bíblia, em Atos capítulo 2, nos versos 1-4:

Chegando o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído, como se soprasse um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados. Apareceu-lhes então uma espécie de línguas de fogo, que se repartiram e repousaram sobre cada um deles. Ficaram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.

Ocorrido em Jerusalém, cinquenta dias após Páscoa, uma festa típica dos judeus que lembrava a saída dos escravos do Egito, o dia de Pentecoste, outra festa dos judeus que celebrava a colheita, cita o surgimento de novas línguas ou outras línguas marca a difusão do movimento cristão, “O termo pentecostes é uma palavra de origem grega cujo significado literal é *cinquenta*, o que deu à festa o seu nome porque se dava no quinquagésimo dia depois da Páscoa” (SILVA, COELHO, VIEIRA, 2012, p.165).

Este fenômeno, segundo o que está relatado no livro de Atos, constata a manifestação de novas línguas de línguas estranhas, fenômeno este denominado como *glossolalia*. Acredita-se que a comunicação foi facilitada propiciando maior alcance das mensagens de Cristo devido ao fato de que a partir deste acontecimento seus apóstolos tanto ouvirem quanto falarem novas línguas.

A ascensão do cristianismo fora facilitada pela comunicação que se tornou acessível, comum, às pessoas que ali estavam, puderam doravante este dia propagar o *evangelho* de Cristo, novos idiomas foram de forma espetacular pronunciados pelos discípulos, e cada estrangeiro ouviu tal mensagem em sua língua materna, ação atribuída ao Espírito Santo, algo que é muito citado pelos grupos pentecostais e neopentecostais, conforme veremos a frente.

A religiosidade romana na época de Cristo se dava no culto ao Imperador, tido nele a figura divina. Essa concepção litúrgica tinha duas vertentes de adoração, a primeira o culto ao imperador vivo e a segunda a adoração ao imperador morto. A ordem religiosa e seus desdobramentos, no período de Cristo e depois de sua morte, em Roma se dava da seguinte maneira:

oficialmente nos dois primeiros séculos, permanece com firmeza a tradição romana. Nesse contexto e período retornará uma prática cultural que a partir de então não se apagaria, que é o culto doméstico dos *genius*, dos Lares e Panares, simbolizando a prosperidade da família, do lar e a vida, e havia outros cultos provenientes da velha religião greco-romana, onde deuses e deusas cumprem papel semelhante. As reuniões cristãs inicialmente tomarão essa forma “caseira” sem necessariamente se restringir ao círculo familiar. (COSTALDI, 2014, p. 16-17).

Era o imperador autoridade máxima sagrada e a população romana tinha no *estoicismo* a principal representação filosófica de religião. É só a partir do século III que a religião no império se tornaria doutrina e mais complexa, se distanciando do estoicismo que vigorava no período. O período pós-estoico compreendeu as ideias de que os poderes e forças espirituais poderiam servir ao homem (CASTOLDI, 2014).

É neste contexto sociocultural que o evangelho de Cristo nasce e se propaga, a igreja formada de modo peregrino, os apóstolos e discípulos de Jesus se espalharam no continente e se espalhava pelo mundo conhecido da época.

Foi por intermédio da palavra de Jesus que sua mensagem de paz e igualdade se perpetuou. Por meio de exemplos práticos chamados *parábolas*, histórias fictícias que tinham relação com o público e com o cotidiano dos ouvintes, aquele que ficou conhecido como “rei dos judeus”, deixou sua mensagem através de sua linguagem libertária:

As características de sua linguagem através de parábolas, exemplos da vida cotidiana, usando elementos simples da natureza para levar a uma reflexão, para dar uma orientação, atingia profundamente às pessoas que o ouviam. Jesus não se expressava como um doutor ou especialista nas palavras, mas o seu discurso era profundo e cheio de significados (Silva, 1999). Seu conhecimento a respeito do comportamento humano lhe dava uma autoridade absoluta sobre qualquer assunto ou situação que surgisse. Ele falava de um Deus que ama, que age a favor do homem, que perdoa, que salva. (SILVA, COELHO, VIEIRA, 2012, p.169)

Jesus era judeu por tradição e descendência e zelava por seu povo e pelas minorias, inclusive, mulheres, escravos, pobres e crianças que eram desprezados na época. Sua linguagem era de fácil entendimento, sem barreiras de compreensão para quem pudesse ouvir. No que relata os evangelhos, não fazia distinção de prestígio as castas mais vulneráveis da sociedade, seu comportamento era inerente ao que pregava em suas andanças. Tinha conhecimento dos preceitos do judaísmo, religião que ele estava inserido e havia sido criado, e suas ideias representavam uma ruptura com o judaísmo farisaico, ou seja, grupo de religiosos judeus que teve um papel muito importante na manutenção do sistema de culto judaico e de suas tradições durante o domínio romano.

No livro de Atos fica evidente o impacto grandioso da linguagem e comunicação feitas por Jesus Cristo, visto que as comunidades viviam plenamente o que havia ensinado. “É simbólica a manifestação do Espírito Santo usando línguas de fogo sobre a cabeça de cada um. Trata-se de uma revelação de que através da língua, em todos os

seus significados, Deus alcançaria os corações humanos”. (SILVA, COELHO, VIEIRA, 2012, p. 170)

Nota-se que é por meio da linguagem e por sua propagação, pelo “poder” que havia na palavra dos que a transmitiam que fez com que quem ouvisse a mensagem confiasse e se tornasse parte daquela comunidade, mesmo sendo esta fé nova.

Conforme apresentado acima, foi no Pentecostes, que a religião cristã começou a ganhar um novo status, saindo do círculo dos judeus e alcançando outros povos. O valor histórico documental contido nos evangelhos, no livro dos apóstolos e nas cartas direcionadas as igrejas que se formaram contemporâneas a Cristo é de suma importância.

Nos primeiros documentos cristãos, sejam canônicos ou não, é que se cultiva a história registral do período de nascimento e consolidação do cristianismo. “O alcance da igreja cristã se estenderia a todo império antes mesmo de se tornar religião oficial, e no final do século I já estaria disseminada ao redor de todo mediterrâneo e na Ásia menor, sendo encontrada em todas as províncias romanas” (CASTOLDI, 2014, p. 22-23).

Entretanto, mesmo havendo no discurso que espalhava rapidamente a mensagem de paz e igualdade aos povos, a justiça e integração também acompanhavam a mensagem, proporcionalmente, o ódio e repúdio aos cristãos, principalmente por parte dos judeus, eram crescentes. Os judeus consideravam o cristianismo uma seita judaica, que feria os preceitos de sua ortodoxia. Este atributo de “seita” é que gerou notoriedade por parte do império, o que culminou e perseguição política.

O grande missionário da religião cristã foi o apóstolo Paulo (conhecido entre os judeus como Saulo de Tarso, nome hebraico dele). O apóstolo Pedro também foi quem levou a fé cristã até Roma, sendo preso foi morto crucificado. Paulo consolidou o trabalho doutrinário em visitas as igrejas e por meio de suas epístolas que posteriormente formaram o cânone do Novo Testamento.

A consolidação como religião oficial e seus desdobramentos e cisões serão explanados a seguir. Como citado anteriormente, Pedro e Paulo, foram os que iniciaram liderança do movimento cristão que passou a considerar então, um delicado distanciamento do judaísmo. Durante o primeiro século, muito se fez pelo evangelho, as barreiras foram reduzidas e o alcance das “boas novas” de Cristo fez com que a igreja

fosse estabelecida no tempo de duas gerações, findando este período com a morte de João, este primeiro período foi chamado de “Era Apostólica”. (HURLBUT, 2002)

Os próximos anos após a chamada Era Apostólica, período marcado pela geração que não havia convivido com Jesus, a igreja, já consolidada, sofre perseguição violenta do Império. Na mesma proporção que o evangelho alcançava a perseguição crescia, todos os esforços e abusos que cabia ao Império era feito, para dizimar o que era chamado pelos romanos de “superstição cristã”, tal período durou duzentos anos e mesmo crescendo o número de mártires a cifra de fieis e seguidores do cristianismo também aumentava.

O cristianismo teve início na cidade de Jerusalém, nos primeiros anos de o movimento não foi longe dos arredores da cidade. Não se organizava de modo comunitário como as religiões do Império, mas como movimento em trânsito, de seu primeiros passos, afirma Hurlbut que:

Em todo o país, especialmente na província setentrional da Galiléia, havia grupos de pessoas que criam em Jesus como o Rei-Messias, porém não chegaram até nós dados ou informações de nenhuma natureza que indiquem a organização, nem o reconhecimento de tais grupos como igreja. As sedes gerais da igreja daquela época eram o Cenáculo, no Monte de Sião, e o Pórtico de Salomão, no Templo. (2002, p. 22).

Os primeiros cristãos eram judeus e se dividiam em três classes. Os primeiros eram os hebreus, que descendiam dos hebreus e que tinham o hebraico como língua oficial, os segundos eram os gregos ou helenistas que descendiam de judeus, porém que habitavam terras estrangeiras. O terceiro grupo era formado pelos não judeus, denominado prosélitos, que passaram a aceitar o rito judaico.

A doutrina deste primeiro período não era complexa e tinha como base três premissas centrais. A primeira e mais importante, abarcava a constatação do caráter messiânico de Cristo, concepção da ideia de que ele era o enviado por Deus para salvar seu povo. A segunda premissa doutrinária era a crença na ressurreição de Jesus e a terceira doutrina presente nos discurso de Pedro era a crença na volta de Cristo no tempo vindouro. Até este período o cristianismo era considerado seita judaica e os conflitos com o judaísmo começaram a surgir. Produto disso, as primeiras cisões do movimento começam.

1.2. As cisões

Abordaremos nessa parte, o movimento cristão considerando suas cisões mais pontuais. A primeira cisão da igreja se deu entre judeus e gentios. “Os elementos ultrajudeus da igreja sustentavam que não podia haver “salvação” para o povo que viesse de fora de Israel. Por essa razão, diziam, todos os discípulos gentios deviam ser circuncidados e observar a lei judaica” (HURLBUT, 2002). Em contrapartida os considerados progressistas afirmavam que o evangelho era para todos, tanto judeus como gentios, tendo como base a fé em Cristo e desconsiderando as prerrogativas doutrinárias da lei judaica, que apareça expressa no Antigo Testamento. Surge a primeiro conflito de ideias entre os dois grupos, foi então promovido um concílio em Jerusalém para determinar quais diretrizes doutrinárias seriam seguidas e as regras que deveriam ser seguidas para judeus e gentios. Neste concílio ficou assim constituída a primeira “cisão” da igreja:

Chegou-se, então, a esta conclusão: a lei alcançava somente os judeus e não os gentios crentes em Cristo. Com essa resolução completou-se o período de transição de uma igreja cristã judaica para uma igreja de todas as raças e nações. O evangelho podia, agora, avançar em sua constante expansão. (HURLBUT, 2002, p.37)

Este ponto foi determinante para não só a construção doutrinária do cristianismo, mas foi aqui que se marcou entre o rompimento com as premissas da lei mosaica. Esta primeira cisão é o que se determina como prerrogativas norte do cristianismo, a ruptura com o judaísmo.

A partir de agora o cristianismo integrava e acolhia a todos os povos, não fazia distinção de origem e descendência, não era limitador em nenhum sentido, desde que se tivesse a Cristo como centro das ações do movimento. Deve-se entender o primeiro período de cisão a parti daqui, haja vista que surgem duas igrejas, uma de gentios e a que continua judaica. A igreja passa a ter liberdade para atuar de modo mais abrangente, tendo mais alcance na propagação do evangelho de Cristo, os gentios pertenciam a igreja, porém sem a imposição da tradição judaica, período da igreja entre os gentios.

Os próximos vinte anos desta igreja recém-formada alcançou todo Império romano até as proximidades do mar Mediterrâneo. Proporcionalmente a crescida dos adeptos do cristianismo estava à diminuição dos judeus e conseqüentemente aumentava a aversão odiosa a eles. Três foram os maiores líderes deste período, Pedro, Paulo e

Tiago, irmão de Jesus. Estes três empreenderam viagens missionárias as várias cidades próximas e até a Ásia. Construindo e fortalecendo as novas igrejas que fundavam. Todos morrem como mártires perpetuando a fé que professavam.

Em 64 Nero acusou os cristãos de atearem fogo na cidade Roma, e moveu contra eles perseguições torturas e mortes. Muitos foram mortos, incluindo Pedro, crucificado no ano 67 e Paulo decapitado no ano 68 (HURLBUT, 2002).

Até o ano 50 nada se havia escrito, a igreja dispunha apenas da memória passadas pelos discípulos mais antigos. Os cristãos possuíam os escritos primeiros do que tinham como fé. Este primeiro período se finaliza com a morte do apóstolo João. Inicia-se então o período, lembrado por Hurlbut como “Era sombria”:

Cerca do ano 90, o cruel e indigno imperador Domiciano iniciou a segunda perseguição imperial aos cristãos. Durante esses dias, milhares de cristãos foram mortos, especialmente em Roma e em toda a Itália. Entretanto, essa perseguição, como a de Nero, foi esporádica, local e não se estendeu a todo o império. Nessa época, João, o último dos apóstolos, que vivia na cidade de Éfeso, foi preso e exilado na ilha de Patmos, no Mar Egeu. (HURLBUT, 2002, p. 50)

No final do primeiro século as doutrinas e regras ordenadas por Paulo eram aceitas em todas as igrejas cristãs estabelecidas, essas doutrinas foram propagadas por intermédio das epístolas escritas por ele, sendo a principal a chamada Carta aos Romanos, epístola que se tornou base da doutrina cristã. Constituíam-se três as práticas dos cristãos como rito, a primeira o batismo por imersão, a segunda a guarda do “do Senhor” e a terceira a Ceia ou Eucaristia.

O cristianismo sofre as chamadas Perseguições Imperiais por cerca de duzentos anos. “A perseguição, no quarto século, durou até o ano 313, quando o Edito de Constantino, o primeiro imperador cristão, fez cessar todos os propósitos de destruir a igreja de Cristo” (HURLBUT, 2002).

Com o advento da doutrina eclesiástica e seu desenvolvimento, a igreja se consolida de fato, apesar das perseguições. Formava-se um sistema de fé, com suas rigorosidades e “pureza”. Neste período, acrescenta Hurlbut (2002, p.72), “O Credo Apostólico, a mais antiga e mais simples declaração da crença cristã, foi escrito durante esse período. Apareceram, nessa época, três escolas teológicas. Uma em Alexandria, outra na Ásia Menor e ainda outra no norte da África”.

Concomitante a evolução doutrinária e teológica da fé cristã, surgem seitas e vertentes que destoavam do que se construía de modo inflexível. E se dava de duas

formas que relacionavam seu modo de perceber a fé com origem da maioria presente. Chamadas de heréticas pelos cristãos eram divididas de acordo com a origem da maioria frequentadora:

Enquanto a igreja era judaica em virtude de seus membros, e até mesmo depois, quando era orientada por homens do tipo judeu como Pedro e até mesmo Paulo, havia apenas uma leve tendência para o pensamento abstrato e especulativo. (HURLBUT, 2002, p.74)

Se o primeiro distanciamento teológico coube aos judeus fomentar, o segundo coube aos gregos. E foram assim descritos por Hurlbut:

Entretanto, quando a igreja em sua maioria se compunha de gregos, especialmente de gregos místicos (...) da Ásia Menor, apareceram opiniões e teorias estranhas, de toda sorte, as quais se desenvolveram rapidamente na igreja. Os cristãos do segundo e terceiro séculos lutaram não só contra as perseguições do mundo pagão, mas também contra as heresias e doutrinas corrompidas, dentro do próprio rebanho. (2002, p. 74).

Muitas dessas divergências só tiveram seu fim com a violência. Cristãos, gregos e judeus perpetuaram por muitos anos embates sangrentos em nome da fé. Nos mais de duzentos anos entre perseguição, escravidão e momentos de trégua para com os cristãos, o cristianismo chega ao tempo do Imperador Constantino. No cargo de coimperador, expede no ano 313 o Edito de Tolerância, o cristianismo era então oficializado, cessa-se a perseguição até o fim do Império.

O crescimento expansivo da igreja de Cristo trouxe a necessidade de organização sobre todas as áreas. Houve um momento em que a Igreja já ultrapassava os limites espaciais do Império Romano, chegando às proximidades da Índia, "abarcando muitas nações e raças, então se julgou necessária a autoridade de um dirigente para suas diferentes secções (HURLBUT, 2002). Em suma, o perigo constante das perseguições, e o surgimento de seitas corroborou para a unidade e aproximação entre as igrejas. E no terceiro século a igreja estava dividida em dioceses.

Em 380, o cristianismo passa a ser reconhecido como religião oficial do Império, começando o período de dois séculos de paz para os cristãos. Com a força de um Império a favor do cristão, templos para as igrejas foram construídos e muitos outros restaurados, plena liberdade foi dada ao movimento.

A partir de então a igreja e o estado se unem, poder e fé passam a "dividir" o poder da capital Constantinopla. Pouco tempo depois da fundação da nova capital, pelas mãos de Constantino, o Império foi dividido, enfraquecendo as fronteiras e tornando o Império vulnerável às invasões. Rapidamente um Império que era pagão se tornou

cristão em sua totalidade, mesmo havendo cultos a outros deuses, porém não de forma expressiva. Os imperadores sucessores de Constantino optaram por tornar o império cristão rapidamente, de maneira opressora.

Começam aparecer às primeiras penas de morte aos pagãos e todos aqueles que idolatravam ídolos. Os templos que antes eram pagãos tornaram-se cristão. As punições aos pagãos fizeram com que o cristianismo fosse único, porém outras cisões, desta vez, abarcaram as instâncias doutrinárias.

Surge o movimento monástico na Europa, fundam-se os primeiro mosteiros, como a Ordem dos Beneditinos. Cada igreja metropolitana tinha seu bispo, em especial o bispo da capital foi chamado "pai", posteriormente "papa". Havia uma disputa pelo poder e autoridade máxima da igreja entre o bispo de Roma e o bispo de Constantinopla.

Não havendo Imperador em Roma, nem as ligações políticas entre igreja e Império como havia em Constantinopla fez com que a Europa passasse a olhar para Roma com certa reverência. "Agora a capital do império estava longe; especialmente estando o próprio império em decadência, o sentimento de lealdade para com o papa, pouco a pouco, tomou o lugar da lealdade para com o imperador" (HURLBUT, 2002, p.107). O papa de Roma passou a ser considerado autoridade superior da igreja cristã. No Concílio de 451, na Ásia, Roma ficaria com o primeiro lugar na hierarquia de autoridade e Constantinopla em segundo.

Começam as invasões bárbaras que afetam de todas as formas o império, inclusive religiosamente, visto que as tribos invasoras eram pagãs.

Em 476 caiu o Império Romano do Ocidente, que foi invadido por uma série de povos germânicos, alguns deles arianos, outros pagãos. O trabalho da Igreja nos séculos seguintes foi o de evangelizar e contribuir para civilizar estes povos, e mais adiante os povos eslavos, escandinavos e magiares. A alta Idade Média (até ao ano 1000) foi, sem dúvida, um período difícil para o continente europeu, pela situação de violência política e social, empobrecimento cultural e regressão económica, devidos às contínuas invasões (que duraram até ao séc. X). (PIOPI, s/d p.2)

O lugar da igreja e do cristianismo, no período de decadência imperial, se manteve com força:

O Cristianismo dessa época decadente ainda era vivo e ativo, e conquistou muitas raças invasoras. Essas raças vigorosas, por sua vez, contribuíram para a formação de uma nova raça europeia. Como se vê, decaiu a influência do império, desfez-se o poder imperial de Roma, porém aumentou a influência da igreja de Roma e dos papas, em toda a Europa. Assim, o império caiu,

porém a igreja ainda conservava sua posição imperial (HURLBUT, 2002, p.113).

Dentre vários dirigentes deste período, no norte da África, Agostinho é nomeado bispo de Hipona e se torna o mais influente da época, em 395. Agostinho e suas concepções teológicas foram de suma importância para o cristianismo tal qual Paulo no nascimento das igrejas.

A igreja se divide entre Ocidental e Latina, o poder papal se fortalece com Gregório I e Gregório III. Então já na idade média, missionários são enviados a Inglaterra na intenção de expansão. O papado na idade média foi fomentado pelos mosteiros. O monasticismo cresce consideravelmente, juntamente com o crescimento da religião maometana. No século VIII, o poder papal é institucionalizado, surgem os Estados Pontifícios. No início do século XIX, o Papa do Sacro Império Romano coroa Carlos Magno, dando origem a um estado católico, unindo politicamente o estado e igreja.

No século XI a igreja se divide em Gregas e Latinas, motivadas por divergências doutrinárias, novamente, se separam, e "em 1054 o mensageiro do papa colocou sobre o altar da igreja de Sta. Sofia, em Constantinopla, o decreto de excomunhão" (HURLBUT, 2002, p.145). Nos ritos, liturgias, costumes e doutrina em geral as igrejas passaram a se diferenciar.

Os séculos XIII e XIV ficaram marcados pelo crescimento da civilização medieval, a teologia do período tem fomento com a Alta Escolástica e nomes de relevância para construção do pensamento cristão como Santo Alberto Magno, São Tomás de Aquino e São Boaventura.

A queda de Constantinopla, seguida pelo descobrimento da América marcam o início da Idade Moderna, a colonização europeia se expande pelo mundo, chegando à África e a Ásia. A igreja alcança os continentes fora da Europa, com missões na América do Norte, América Central e do Sul. Neste mesmo período surge o movimento da Reforma, cisma maior e de maior relevância da unidade religiosa. O movimento da Reforma será mais bem explicado a seguir.

1.3. A Reforma

O movimento da Reforma teve início na Alemanha e segundo Hurlbut se deu da seguinte maneira:

A data exata fixada pelos historiadores como início da grande Reforma foi registrada como 31 de outubro de 1517. Na manhã desse dia, Martinho Lutero afixou na porta da Catedral de Wittenberg um pergaminho que continha noventa e cinco teses ou declarações, quase todas relacionadas com a venda de indulgências; porém em sua aplicação atacava a autoridade do papa e do sacerdócio. Os dirigentes da igreja procuravam em vão restringir e lisonjear Martinho Lutero. Ele, porém, permaneceu firme, e os ataques que lhe dirigiam, apenas serviram para tornar mais resoluta sua oposição às doutrinas não apoiadas nas Escrituras Sagradas (2002, p. 177).

Mesmo sendo um movimento, aparentemente, de caráter meramente religioso, a Reforma desencadeou consequências sociais consideráveis. Além de Lutero, João Calvino contribuiu fundamentalmente para que a Reforma ocorresse. A Reforma deu origem as Igrejas históricas do protestantismo. Tinha como intuito restaurar as bases ideológicas, teológicas e doutrinárias da igreja.

Tendo como causas principais a situação da Igreja Medieval, a insatisfação política e religiosa do povo europeu, o apogeu do nacionalismo e a insegurança da espiritualidade vigente. As noventa e cinco teses observadas por Lutero criticavam o que a igreja havia se tornado, propagou suas ideias em folhetins, tornando suas seus ideais reformados conhecidos na Alemanha toda.

O Papa Leão X o excomunga, em junho de 1520, porém Lutero queima em público a notificação do papa juntamente com as diretrizes que as autoridades romanas haviam estabelecido. No período em que foi preso Lutero traduz o Novo Testamento para o alemão, o que ajuda a unificar a língua em todo o país. O movimento protestante começava a chegar a outros países da Europa, como Espanha, Itália, França e Suíça.

Quando Calvino publica em 1536 a obra que se tornaria uma espécie de manual doutrinário do movimento protestante, *Instituições da Religião Cristã*, o protestantismo se estrutura de fato. A Reforma promoveu a tradução da Bíblia para diversas línguas. O movimento se sustentava na de ideia de que “a religião devia ser racional e inteligente. O romanismo havia introduzido, doutrinas irracionais no credo da igreja, como a transubstanciação, pretensões absurdas como as indulgências papais, em sua disciplina, costumes supersticiosos como a adoração de imagens em seu ritual” (HURLBUT, 2002, p. 186).

Entre alguns pontos observados pelos reformadores estes sintetizam a lógica motivacional destes

também insistiam na religião espiritual, diferente da religião formalista. Os católicos romanos haviam sobrecarregado a simplicidade do evangelho,

adicionando-lhe formalidades e cerimônias que lhe obscureciam inteiramente a vida e o espírito. A religião consistia em adoração externa prestada sob a direção dos sacerdotes, e não na atitude do coração para com Deus. (HURLBUT, 2002, p.187).

Além de Lutero na Alemanha, Calvino na França o movimento protestante contou com outros grandes reformadores, como Zwinglio na Suíça e John Knox na Escócia. É necessário compreender a Reforma como um movimento de revolução e transformação sociais grandiosas, marco inicial das correntes protestantes que se conheceu na atualidade, assim,

onde o protestantismo triunfava, surgia uma igreja nacional governada por si mesma e completamente independente de Roma. Essas igrejas nacionais assumiam diferentes formas: episcopal na Inglaterra, presbiteriana na Escócia e na Suíça, um tanto mista nos países do Norte. O culto de adoração em todas as igrejas católicas romanas era em latim, porém nas igrejas protestantes celebravam-se os cultos nos idiomas usados por seus adoradores (HURLBUT, 2002, p.188).

A reforma objetivou-se em romper, sumariamente, as relações da igreja com o estado, com o poder. A Igreja Católica Romana em resposta ao movimento que havia desestabilizado suas bases dá início a Contra-Reforma. A princípio a igreja se mobilizou para investigar o que teria motivado a “revolta”, posteriormente quais medidas tomar para combater o movimento, assim:

Tentou-se fazer a reforma dentro da própria igreja, por via do Concílio de Trento, convocado no ano de 1545 pelo papa Paulo III, principalmente com o objetivo de investigar os motivos e pôr fim aos abusos que deram causa à Reforma. O Concílio reuniu-se em datas diferentes e lugares diversos, porém a maioria das vezes em Trento, na Áustria, a 120 quilômetros ao norte de Veneza. O Concílio era composto de todos os bispos e abades da igreja, e durou quase vinte anos, durante os governos de quatro papas, de 1545 a 1563. Todos esperavam que a separação entre católicos e protestantes teria fim, e que a igreja ficaria outra vez unida.

Como consequência das tentativas de reorganização e fortalecimento da igreja católica funda-se em 1534 a Ordem dos Jesuítas, com o espanhol Inácio de Loyola. O objetivo principal da ordem era combater de todas as formas os avanços do protestantismo. Inicia-se a perseguição contra os reformadores.

A Igreja Católica viu na perseguição violenta, sua principal arma de combate ao espírito da Reforma. Protestantes por sua vez também combatiam de modo violento. A batalha antirreforma, denominada Inquisição, tinha um único objetivo, mesmo ocorrendo de diferentes maneiras em cada país.

Na Inglaterra, aqueles que morreram, eram principalmente católicos que conspiraram contra a rainha Elisabete. Entretanto, no continente europeu, todos os governos católicos preocupavam-se em extirpar a fé protestante, usando para isso a espada. Na Espanha estabeleceu-se a Inquisição, por meio da qual inumerável multidão sofreu torturas e muitas pessoas foram queimadas vivas. Nos Países-Baixos o governo espanhol determinou matar todos aqueles que fossem suspeitos de heresias. Na França o espírito de perseguição alcançou o clímax, na matança da noite de São Bartolomeu, 24 de agosto de 1572, e que se prolongou por várias semanas. Segundo o cálculo de alguns historiadores, morreram de vinte a setenta mil pessoas (HURLBUT, 2002, p.191).

A Inquisição tem seu apogeu com a morte de São Bartolomeu, em agosto de 1572, era condenados à morte todos os que fossem considerados hereges. Juntamente ao movimento de inquisição havia o movimento missionário católico, mais uma tentativa, não de evangelização, mas sim de força territorial do movimento Contrarreforma.

Em 1618, inicia-se a guerra religiosa, que ficaria conhecida como Guerra dos Trinta Anos, que se finda com o tratado de Paz de Westfália. Este tratado estabeleceu os limites religiosos, políticos entre os estados católicos e protestantes (HURLBUT, 2002).

Algum tempo depois da Reforma três movimentos importantes surgem na ânsia de uma reorganização. Os romanistas, os anglicanos e o grupo protestante radical. Após este período surgem os movimentos, que fracionariam ainda mais a igreja protestante. O primeiro foi o movimento Puritano, em seguida o Avivamento Wesleyano, seguido pelo Movimento Racionalista e o Movimento Anglo-Católico. Os protestantes mais radicais foram chamados de “puritanos”, que passaram a se dividir entre presbiterianos e congregacionais. Desse movimento iniciado pelos chamados puritanos nascem três igrejas: Presbiteriana, Batista e Congregacional.

Os Metodistas ou Metodistas Wesleyanos crescem na Inglaterra e o movimento se fortalece mesmo sofrendo oposição violenta por parte da igreja católica. A igreja se fortalece de tal forma que ao chegar à América do Norte contavam com cerca de onze milhões de seguidores (HURLBUT, 2002).

A expansão da igreja foi contínua e seu crescimento fomentou inúmeras transformações sócias. Entenderemos na sequência como se deu a chegada do Cristianismo no Brasil.

1.3. 1. A chegada ao Brasil

No dia 8 de março de 1500 a armada de Cabral é abençoada pelo bispo Diogo Ortiz, com a bênção de Deus e da Ordem de Cristo estavam prontos para rumar ao

Brasil, acompanhados de oito capelães franciscanos e do Frei Dom Henrique Soares de Coimbra.

O próprio capitão-mor da armada de dez naus e três caravelas, que transportava cerca de 1350 homens, era cavaleiro da Ordem de Cristo. Por coincidência, Pedro Álvares Cabral tinha então a idade de Jesus quando este morreu (33 anos). A Ordem de Cristo era uma ordem militar e religiosa fundada e instituída pelo Papa João XXII em Avignon, na França, em março de 1319, a pedido de Dom Diniz, sexto rei de Portugal. (CÉSAR, 2000, p. 19)

Em 26 de abril de 1500, celebrou-se a primeira missa comemorativa pela tomadas das terras brasileiras. A colonização trouxe uma formação que de seu de modo exploratório imperialista. Os padres jesuítas trazem da Europa o catolicismo. Neste mesmo momento aconteciam os primeiros “lampejos” da Reforma.

Durante o Primeiro Reinado e Regência o cenário eclesiástico brasileiro mostrava que na primeira metade do século XIX a hierarquia se diminuiu a um arcebispo e cinco bispados, o Brasil se encontrava num estado de abandono. Com o passar dos anos apareceria no início do governo de D. Pedro II as primeiras missões estrangeiras que dariam origem ao protestantismo local, autônomo.

No primeiro dia de maio de 1500 Pero Vaz de Caminha, escreve as primeiras impressões que nomeou de “achamento” sobre as terras brasileiras. Sua preocupação missionária era evidente, chegando a escrever ao rei que “O melhor fruto que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar” (PEREIRA, 1999, p. 58). Solicita que o clérigo venha o mais rápido possível batizar os índios.

No mesmo período, na Europa, acontecia mudanças constantes, principalmente no papado, segundo Pereira em um período de cinquenta anos sete papas assumiram a liderança da igreja. Como citado anteriormente, pouco tempo antes da chegada dos portugueses ao Brasil, começava-se os lampejos do que seria o movimento da Reforma Protestante.

No ano de 1549, motivados pelo espírito da Contra-Reforma, seis missionários da Companhia de Jesus veem ao Brasil, e seis anos depois os primeiros missionários protestante chegam ao Rio de Janeiro. Ao chegarem ao Brasil notaram extrema diferença na cultura e nos costumes indígenas, e é claro que o mais assustou os portugueses foi à nudez, sem culpa, sem a noção de pecado. Religiosamente os indígenas não possuíam deuses, porém eram altamente ritualísticos, como aponta César:

Os indígenas não tinham deuses certos nem ídolos, mas eram religiosos, dançavam, cantavam e submetiam-se aos seus pajés, que exerciam os ofícios de sacerdote, profeta e médico-feiticeiro. Alguns alimentavam a esperança de “uma terra sem males”. Nada sabiam da unicidade de Deus, nem de sua santidade, soberania, amor e graça. Nunca ouviram falar sobre Jesus, sua concepção sobrenatural, seus ensinamentos, seus milagres, sua morte e ressurreição, sua ascensão e o volt. Eram, para todos os efeitos, povos não-alcançados pelas boas novas(...) (CÉSAR, 2000, p.29).

Inácio de Loyola, espanhol, envia ao Brasil os primeiros missionários. Os jesuítas chegam à Bahia em março de 1549, com eles Tomé de Souza, que se tornaria primeiro governador do Brasil. Os jesuítas tinham como chefe Manoel da Nóbrega, este moraram com os indígenas, instalam o colégio na Bahia, se dirigem a São Vicente, fundando em 1554 a aldeia e o Colégio São Paulo.

Outros jesuítas chegaram posteriormente, José de Anchieta e Antônio Vieira e em pouco mais de duzentos anos os jesuítas cresce, até a expulsão destes em 1757 pela Reforma Pombalina, que tinha como objetivo principal tornar em capitalista a Metrópole Portugal.

Vindos da França pouco tempo depois da declaração da Reforma na Europa, chega ao Brasil um grupo de católicos e protestantes com a intenção de liberdade de culto, visto que a Europa se encontrava em conflitos religiosos. Alguns desse grupo se tornariam os primeiros mártires evangélicos do Brasil. “Em 21 de março de 1557 foi organizada a primeira igreja evangélica do Brasil” (CÉSAR, 2002).

O maior nome da evangelização no Brasil foi José de Anchieta muito fez em todas as instâncias em terras brasileiras, como aponta César (2002)

Além da quantidade enorme de cartas, poemas, dramas e sermões, o jesuíta escreveu a *Gramática da língua mais usada na costa do Brasil* e o catecismo bilíngue (tupi português) intitulado *Diálogo da fé* (...) (p.44).

Os holandeses protestantes desembarcam no Brasil, implantando sua igreja no norte, realizam em 1634 o primeiro batismo protestante. Os holandeses da Igreja Reformada desempenham relevante trabalho missionário entre os indígenas do nordeste, no entanto são expulsos em 1654. Os protestantes, de fato, só desembarcam no Brasil no início do século XIX, no ano de 1805.

João Ferreira de Almeida traduz, aos 16 anos de idade, o Novo Testamento para o português e em 1814 as primeiras Bíblias começam a chegar ao Brasil, distribuídas nos navios que tinham como destino a América do Sul. O missionário americano Daniel

Kidder foi o primeiro correspondente da Sociedade Bíblica Americana. Mais tarde propõe que a Bíblia fosse lida em escolas junto a Assembleia Legislativa. Após a Independência o Brasil já não era em sua totalidade católico.

Ao fim do século XIX o Brasil tinha 18 milhões de habitantes e os alemães compunham maior grupo de protestantes no Brasil, cerca de 350 mil, aponta César (2002). Os missionários norte-americanos começam a se espalhar pelo Brasil, principalmente pelo interior, centro-oeste, começando em 1855 com os congregacionais tendo seu fim em 1889 com os episcopais.

Dois principais fatores foram essenciais e favoreceram o movimento protestante no Brasil. Em primeiro plano a disposição e aceitação do imperador, seguido da necessidade que o Brasil tinha de imigrantes. Dom Pedro mesmo de católico respeitava seu dever como representante do estado e o país precisava de imigração como parte do processo colonizador.

Robert Reid Kalley, médico escocês, funda em 1838 na ilha da Madeira uma obra de evangelização e assistência médica beneficente. Havendo um número considerável de adeptos o clero instaura uma perseguição que acarretou na expulsão dos fiéis da ilha, voltando para os Estados Unidos.

Para auxiliar a difusão dos evangelhos alguns destes fiéis e líderes foram enviados ao Brasil, Kalley foi um deles, vindo acompanhado de mais alguns cristãos protestantes. Para ele era insuficiente à distribuição simples de Bíblias, optou pelo trabalho evangelístico efetuado por um grupo de portugueses. Enquanto alguns portugueses perseguiam as vertentes protestantes do cristianismo outros as propagavam.

O contato com a alta sociedade brasileira da época garantiu a sobrevivência dele e dos novos convertidos. Começava aqui as primeiras vendas de Bíblias e os primeiros cultos familiares, instalado em Petrópolis na casa do embaixador dos Estados Unidos no Brasil o movimento protestante dava seus primeiros passos sustentados pelos preceitos de crescimento colonizador. Em 11 de junho de 1858 acontece o primeiro batismo, Pedro Nolasco de Andrade, dia considerado o nascimento da Igreja Evangélica, que receberia o nome mais tarde de Igreja Evangélica Fluminense. (LÉONARD,E.2002).

O movimento já não era bem visto pela sociedade da época, e as perseguições começaram. A priori em instancias judiciais que alegariam que o movimento infringia as leis vigentes na constituição, porém nada se provou. D. Pedro fazia visitas regulares à casa de Kalley para ouvir sobre as viagens a Terra Santa e sobre as percepções novas

sobre as escrituras, este fato, de certo modo, protegiam os poucos evangélicos que surgiam.

Todavia as retaliações começaram com pequenos incidentes ao redor dos locais onde o grupo fazia as reuniões (LÉONARD, 2002, p.58). Entre ameaças e hostilidades Kalley e os evangélicos conquistam o reconhecimento do casamento e liberdade religiosa, feito este que desde a época da Reforma só considerava verdadeiro o casamento católico.

Os primeiros missionários a chegar a terras brasileiras foram os presbiterianos. Em agosto de 1859 desembarcou no Rio de Janeiro o primeiro desses missionários. Entusiasta e jovem, Ashbel Green Simonton chega ao Brasil recebe conselho de Kalley para manter a modéstia e ar sigiloso em terras católicas.

José Manoel da Conceição inauguraria anos mais tarde o protestantismo pelo interior do Brasil. Padre pregava pelo interior o valor da leitura da Bíblia, procurava melhorar a percepção religiosa e a vida das pessoas por onde passava. Mesma intenção e crise sofrida por Lutero, um sentimento reformador que originou o movimento protestante, conforme dito anteriormente. Dispensado de suas funções, pois assim como Lutero, condenava certas práticas da igreja católica, se batizou na Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro em 23 de outubro de 1864.

Doravante pastor, propagou o evangelho pelo interior, principalmente nas regiões circunvizinhas a Brotas. Com o surgimento de novas perspectivas interpretativas do texto bíblico relacionadas ao cristianismo, igrejas começaram a se propagar e crescer, postulações sobre os impactos sociais do movimento serão explanados no próximo item.

1.3.2. Impacto social

O cristianismo desde os anos iniciais do primeiro século demonstrou impactos significativos na sociedade. Com a chegada da família Real ao Brasil, por exemplo, o cenário religioso se modifica. A igreja, a religião, sempre esteve atrelada aos processos econômicos e políticos. Silva aponta como a hegemonia inglesa, afetava o caráter religioso do Brasil:

Os interesses ingleses na transferência e nos desdobramentos da instalação da corte portuguesa no Brasil culminaram com a assinatura de dois tratados em 1810. A posição hegemônica da Inglaterra não só redundaria em vantagens econômicas como também na definição de privilégio de caráter religioso. O artigo 12 do Tratado de Navegação e Comércio garantia que os vassalos de

S.M. Britânica residentes nos territórios e domínios portugueses não seriam molestados por causa da sua religião. (SILVA, 1996, p. 15).

A igreja, tanto protestante quanto católica abarcam em suas ideias filosóficos conceitos socializantes. O “pensar no próximo”, síntese do falar de Jesus, se traduz em caridade, solidariedade, justiça social, igualdade etc.

A mensagem de Cristo, espalhada por seus discípulos e apóstolos demonstraram o caráter “social” do evangelho. Paulo, Tiago, João em seus escritos demonstraram que a verdade máxima do evangelho era o amor a Deus e ao próximo de igual modo.

Como frisado anteriormente, o evangelho não era excludente, não tem, ou não deveria ter, resquícios de preconceitos ou desvalorização do outro. O evangelho se direciona ao “outro”, considerando este semelhante, igual. O livro de Atos relata momentos de como o nascimento transformavam as pessoas, elas compartilhavam suas posses com os demais que necessitavam, os participantes da congregação tinha suas necessidades supridas igualmente.

O evangelho prevê zelar pela ordem geral, a mensagem cristã leva o sujeito o a refletir suas práticas. Paulo por exemplo, antes se converter ao cristianismo era perseguidor violento dos cristãos.

1.4. As divisões atuais no Brasil: (Ana)Batistas e Presbiterianos, Pentecostais e Neopentecostais

A Igreja Fluminense, primeira Missão Presbiteriana, a Missão Metodista e a Missão Batista foram as primeiras organizações. Contaram com a colaboração de missionários estrangeiros, de diversas nacionalidades e o movimento evangélico começava a ganhar força atuante, antevendo o que temos atualmente. A obra dos missionários pelo Brasil foi de crucial para grande propagação do evangelismo e o papel da ação estrangeira fora de extrema relevância. Com a chegada do século XIX o progresso da igreja se solidificou, a igreja Batista contava com cerca de 40 igrejas e aproximadamente quatro mil membros registrados (LÉONARD, 2002, p.104).

A evolução trouxe o processo de nacionalização dos líderes, novos adeptos considerados “ilustres”, importantes ajudaram ainda mais a inserção de novos convertidos. Igrejas de denominações tradicionais se consolidam ainda mais a exemplo dos anabatistas.

Os batistas tem sua origem nas igrejas antes denominadas de “anabatistas”. É uma continuação da nomeação recebida pelos primeiros religiosos dessa corrente por enfatizarem o ato do batismo. Temos aqui o primeiro jargão, que definiremos como jargão de característica. O prefixo “ana”, demorou quase cem anos para cair em desuso, passando-se a usar somente “batista”. É no concílio de Trento que o bispo Hosius chamou os anabatistas de “batistas”, já em 1554. Nos Estados Unidos, a Igreja Anabatista de Newport foi fundada em 1639, e dez anos depois mudaria seu nome para Igreja Batista de Newport.

O primeiro grupo de pentecostais obteve sua membresia das igrejas Holiness Wesleyanas – um grupo de metodistas – e, em muitos casos, dos grupos renovados onde elas começaram (batistas, metodistas, presbiterianas). O primeiro grupo enfatizava o falar em línguas estranhas, algo semelhante ao citado no início do capítulo que aconteceu no livro de Atos, como evidência primeira do batismo no Espírito Santo, ou seja, estar transbordando da ação divina. Foi no dia 1º de janeiro de 1901 quando os alunos destes colégios estavam estudando a obra do Espírito Santo, e uma das alunas, Agnes Osman, pediu aos seus colegas que lhe impusessem as mãos para que ela recebesse o Espírito. Ela falou recebeu a manifestação da *glossolalia*, ou seja, falou em “línguas estranhas”, e mais tarde, outros estudantes falaram em línguas também.

Em 1905, na cidade de Houston, Texas, William J. Seimor, um aluno negro, ao receber o mesmo dom, tornou-se mais tarde o líder de uma missão. A conhecida missão da “Rua Azusa” em Los Angeles, no ano de 1906. “Falar em línguas” se tornou comum nessa missão. Pessoas que vinham visitar a missão tinham experiências similares e levavam a mensagem para outros países.

Por muitos, até hoje a Missão da Rua Azusa é considerada a mãe do pentecostalismo mundial. Essa missão chamava-se Missão Apostólica da Fé. Este nome perdurou até 1914 quando ocorre a mudança deste para Assembléia de Deus.

Muitos jovens pregadores e aspirantes a pregadores iam ter visitavam William J. Seimor para receber dons diversos. Gunnar Vingren e Daniel Berg, os fundadores da Assembleia de Deus no Brasil, tornaram-se pentecostais em 1908 ao se encontrarem com William. (LÉONARD,E.2002).

Em 1907, um pastor chamado William H. Durhan, recebeu de Seimor os “dons”. Durhan abriu sua própria missão também em Los Angeles. Ficava na North Ave, 943. Foi nesta missão que Louis Francescon, futuro fundador da Cristã do Brasil, recebeu os

seus dons. No dia 19 de novembro de 1910 chegam ao Brasil dois pastores. O primeiro era Gunnar Vingren, ex-pastor batista que fora excluído do ministério pela Igreja Batista de Michigan. O segundo Daniel Berg que também fora excluído da Comunhão Batista. Depois de receberem os dons a partir de William Seimor, e para atender a um sonho de um irmão chamado Adolf Uldin, vieram para o Brasil.

Ao chegar a Belém, no Pará, se apresentaram a Eurico Nelson, um missionário batista no Amazonas. Identificando-se como batistas, ofereceram-se para ajudar no trabalho e pediram hospedagem.

A partir de então começa o propagar da vertente pentecostal pelo Brasil. Com cultos nos lares e hospedagens concedidas pela igreja Batista. Passado o tempo outras percepções teológicas e desdobramentos das visões pentecostais fazem surgir o *neopentecostalismo*.

Neopentecostalismo é o nome que se dá aos pentecostais da terceira geração. São assim chamados porque diferem muito dos pentecostais históricos e dos da segunda geração. Realmente é um novo pentecostalismo. Não se apegam a questão de roupas, de televisão, de costumes, e tem um jeito diferente de falar sobre Deus. Dualizam o mudo espiritual dividindo-o entre Deus e o Diabo, quase que uma percepção maniqueísta.

Seus ritos litúrgicos são em geral carregados de emoção objetivando uma libertação do mundo satânico. Para eles o fiel não pode sentir dor, ser pobre ou estar fraco.

O movimento neopentecostal começou no início da década de setenta. Seu crescimento se explica com midiaticização, produto dos programas de rádio e televisão, nos quais, devido ao anuncio de curas e milagres, tiveram uma grande audiência. Seus ouvintes e telespectadores geralmente são recrutados para dentro de suas igrejas. O sistema de testemunho é forte, e isso certamente encoraja outros a tomar o mesmo caminho. (CONDE, 1960).

No Brasil a maior igreja neopentecostal é a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Já conta com mais de dois mil templos em todo o Brasil e é a terceira maior igreja evangélica do país, ficando atrás apenas da Assembleia e da Cristã. Fundada no ano de 1977 pelo bispo Edir Macedo, tem procurado estabelecer um sistema judaico, haja vista a construção do chamado Templo de Salomão. Espécie de reprodução fiel do templo judaico construído pelo Rei Salomão. Possui um forte apelo televisivo de

comunicação, que é sem dúvida o fator de peso na divulgação e crescimento de seus trabalhos.

Depois da IURD a maior igreja neopentecostal no Brasil é a Igreja Internacional da Graça de Deus. Esta igreja foi fundada em 1980 pelo missionário R.R. Soares no Rio de Janeiro. Na intenção de imitar o trabalho de Kenneth Hagen (um dos maiores apresentadores de igrejas televisionadas dos Estados Unidos), Soares investe muito na apresentação de seus programas. Outra Igreja forte no ramo neopentecostal é a Renascer em Cristo, que foca na camada alta da sociedade do ponto de vista sócio econômico. Seguimento denominacional que não se encontra na cidade de Campo Grande.

Nascido em Palmas em 1963, Waldemiro Santiago, que era líder da IURD em Sorocaba, após um desentendimento com o bispo Edir Macedo em 1998, rompe com a igreja e inaugura sua própria denominação a Igreja Mundial do Poder de Deus.

Grandes movimentos evangelísticos foram iniciados por estes três líderes, que até hoje perpetuam a liderança quando o assunto é quantidade de fieis. Esses líderes têm na TV seu maior “missionário”. A TV foi, sem sombra de dúvida, o maior propagador das pregações e ministrações do seguimento neopentecostal no Brasil, fazendo, com o passar do tempo, com o avanço e inserção considerável dos televisores nos lares, mais fieis venham às igrejas. Nessa perspectiva, é válido ressaltar o enfoque social da linguagem, defendido desde o principio por Labov, que, considerando a linguagem um fato social por excelência, resultado do contato social, postulou que a linguagem se torna um dos mais fortes laços de união das comunidades, deve seu desenvolvimento à existência do grupo social e nos leva a perceber a relação social desta comunidade de fala, os evangélicos. (ASSEN, GOMES, 2015, p. 7).

Só no Brasil são mais de duas mil denominações registradas em cartório como autenticas pentecostais. Por exemplo: A Assembleia nasceu em 1910. No entanto, hoje existem diversas Assembleias e todas nascidas de uma divisão dentro de outra Assembleia. Os pentecostais alegam que o aparecimento do Espirito Santo dentro das igrejas surgiu como resposta de Deus ao modernismo teológico.

1.5. Os evangélicos na atualidade

As estatísticas que se referem à religião divulgadas no Censo Demográfico de 2010 demonstraram um relevante aumento no percentual e também nos números absolutos referentes ao segmento religioso cristão-evangélico da categoria identificada pelo IBGE como religião “evangélica não determinada.

Estatisticamente, o seguimento evangélico é a camada religiosa que mais cresce desde a década de 1990. O advento midiático (antes demonizado pelos evangélicos, principalmente pentecostais), as grandes convenções, programas televisivos marchas e manifestações, do todo cultural, foi propulsor e fomento para a sua expansão. De acordo com as séries históricas e a estimativa do IBGE para a população do Brasil em 2013, tem-se uma análise estatística dos números. Seguindo a taxa média de crescimento de cada estado de 2011 a 2014 pode-se calcular a proporção da população evangélica. Em 2010, a população evangélica do Brasil era de 22,16% e 42.275.437 crentes.

Valendo-se a média aritmética da taxa de crescimento anual de 1960 a 2010 seja de 5,75% para a projeção até 2014, utilizando a mesma taxa anual (4,91%) do último Censo IBGE 2001-2010 para os cálculos. Assim sendo, a população evangélica atinge 25,03% e sendo de 51.210.103 crentes, representando 1/4 da população brasileira.

O discurso bíblico nem sempre é aceito por muitos que estão de fora das comunidades evangélicas e igrejas espalhadas pelo Brasil. Deste modo a ser tornar grupo fechado de falantes os evangélicos se apossam de uma linguagem que se faz familiar somente a eles, sendo uma contradição da fé evangélica, já que ela pressupõe a integração por meio da comunicação compreensível do evangelho de Jesus, mesmo para os “não conhecedores”. Padre Antônio Vieira fez diversos sermões criticando os líderes, padres que dificultavam a linguagem em suas mensagens.

De maneira mais ampla possível toda forma de expressão e de linguagem carrega a representação da cultura que esta foi submetida ou inserida. Cada indivíduo, como sujeito “histórico”, leva em si uma bagagem de expressões e léxico que desde seu nascimento fora submetido. As ações humanas são representações de um determinado período histórico e o modo como um determinado falante se expressa é reflexo de inúmeros fatores que se concatenam, como por exemplo, tempo, espaço, classe social, escolaridade, etc..

E é nesse avanço e mudança da sociedade em si que se modifica de maneira acompanhada a linguagem. A língua e a linguagem seguem o tempo e alguns modelos de expressão são tornados padrões de diferenciação, por exemplo, de um determinado grupo de falantes; isso determina e faz possível perceber de onde o falante veio de acordo com seu sotaque ou entoação ao falar. É possível determinar também os “dialetos” de cada tribo, por exemplo, definidas pelo estilo musical como roqueiros, os rappers, os adeptos do reggae.

Os diferentes grupos e vertentes ao longo do tempo, preconizaram a melhor interpretação dos textos bíblicos no sentido de buscar uma melhor prática doutrinária. As divisões e cisões do movimento cristão produzem mudanças drásticas no modo de fala destas comunidades. É necessário compreender os processos de cisões para que se possa traçar paralelos entre doutrina e dogmas da vertente, os textos bíblicos que influenciam a fala na produção dos jargões. Estas cisões revelam que as percepções religiosas mudam com o passar do tempo, variando assim o discurso. O caráter tradicional não se encontra nas vertentes mais contemporâneas, isso cada vez mais distancia as práticas e teologia desta determinada comunidade tanto da Reforma quanto da primitiva Igreja de Atos. O aposto bíblico recebe novas ressignificações que são expressas discursivamente.

No capítulo seguinte, os preceitos iniciais da ciência Linguística serão explanados, as premissas da Sociolinguística serão abordadas como objetivo de descrever o rumo de análise do objeto estudado.

2. A SOCIOLINGUÍSTICA: OBJETO, METODOLOGIA, ORIGEM

Por ser a língua um conjunto estruturado de normas sociais, deve-se considerar que as variações verificadas na fala de determinado grupo ou comunidade, sofre influências tanto históricas quanto sociais. A Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação tem seu início com os primeiros estudos de Labov e dos postulados de Weinreich, como uma subárea da Linguística.

2.1. A LINGUÍSTICA

A Linguística é uma ciência muito importante para qualquer pessoa que deseje compreender o funcionamento da língua. A partir de seus estudos podemos encontrar as respostas várias questões que têm surgido na fala e até na escrita, sob uma perspectiva científica, exploratória, descritiva. Assim, toda tentativa no sentido de compreender a língua perpassa pelo estudo linguístico.

A Linguística é uma ciência relativamente recente, ganhando esse status a partir de Ferdinand de Saussure, no início do século XX, cujo objeto formal é a língua em si mesma, na qualidade de fato social da linguagem. Nesse sentido, não preocupada necessariamente com uma língua específica, seja o português, o francês, o latim ou o terena, mas com o fenômeno geral da linguagem articulada, sua estrutura, sua essência, seus processos. Logo, ela tem por objetivo tratar da relação das línguas com o pensamento, com o sentimento e com a vontade.

Nesse sentido, à Linguística interessa toda atividade linguística, por mais simples e insignificante que possa parecer para o falante. Logo, o que se fala em uma fila de banco, no transporte público, em uma festa, em uma lanchonete, em uma praça etc. serve como corpus para o especialista. Em outras palavras, para o linguista toda e qualquer manifestação linguística é merecedora da descrição e explicação dentro de seu quadro científico.

A linguística é a parte do conhecimento mais fortemente debatida no mundo acadêmico. Ela está encharcada com o sangue de poetas, teólogos, filósofos, filólogos, psicólogos, biólogos e neurologistas além de também ter um pouco de sangue proveniente de gramáticos (RYMER, apud FAUCONNIER & TURNER, 2002: 353)

Os estudos linguísticos se sustentaram, inicialmente, pela Tese Religiosa, ainda que não possam receber a nomenclatura de “Linguística” enquanto ciência. Embora seja uma concepção da antiguidade ela ainda se mantém em algumas conotações religiosas. Por exemplo, quando se fala que a Bíblia é a Palavra de Deus tem-se a concepção de que a língua está associada ao divino.

Desde o mito até as mais elaboradas especulações filosóficas, levantou-se, sempre, o problema da origem da língua (...). As crenças e as religiões atribuem essa origem a uma força divina, aos animais e a seres fantásticos que o homem teria imitado (KRISTEVA, 1969, p. 61).

Os indianos tentavam explicar o funcionamento do sânscrito. Os Vedas e os Bramanas são textos que confirmam como tais estudos já estavam dando os primeiros passos na antiguidade. Nesse sentido toda a cultura era repassada oralmente de geração em geração por intermédio de sacerdotes, os quais detinham o domínio sobre tais escrituras sagradas. Para evitar que os sons se perdessem, surgiram os primeiros estudos sobre os sons vocais para que eles não se perdessem. A motivação era puramente religiosa.

Todo esse percurso dos estudos linguísticos, dos gregos passando pela Idade Média, vão transitar pela filosófica ou religião. Mas, na Idade Média, pode-se notar uma concepção mais próxima da linguística atual.

O período dos estudos realizados pelos gregos pode ser dividido em duas fases: o período helênico e o helenístico. (SENNA, 1991: 16). Ele avançou pouco no que diz respeito às línguas estrangeiras, tidas por eles como bárbaras. Era um período focado especialmente na língua grega.

Os gregos não deixaram uma descrição comparável ao que os hindus fizeram, mesmo tendo que aprender línguas estrangeiras.

A Reforma Protestante provoca a tradução da Bíblia para várias línguas, impulsionando os estudos sobre a língua, provocada pela invenção da imprensa e seu desenvolvimento. Os estudos linguísticos começam a ir além das línguas clássicas. O surgimento de gramáticas em outras línguas foi decisivo para os estudos linguísticos que iria surgir com Saussure posteriormente.

Para a Cabral (2014), há uma valia relevante na inserção de outros aportes científicos para a construção de análise de um determinado estudo. Segundo ela:

Dentro da linguística, existe grande pluralidade teórica, e isso é importante na medida em que dá ao pesquisador a liberdade de escolher seu objeto teórico – e favorece, também, o desenvolvimento da área, pois somente uma teoria não dá conta de trabalhar com todos os fenômenos linguísticos. É de suma importância que cada vez mais teorias façam parte da linguística, para que cada recorte feito possa ser aprofundado, abdicando do todo, mas detendo-se com atenção especial a sua teoria e seu respectivo objeto, deixando o que “não foi possível incluir” para outra teoria abarcar com seu objeto teórico competente. (p.88)

A assimilação de outros aportes teórico-metodológicos, bem como a associação da linguística as demais ciências, fomenta a pesquisa em questão, dão credibilidade e sustentam com clareza as considerações feitas na análise. A aproximação entre língua e cultura, por exemplo, denomina-se Linguística Antropológica ou Antropologia Linguística, seu campo de atuação é a relação entre língua e cultura. Para Borges Neto há um universo inesgotável de possibilidades para o estudo da língua, todo enfoque é um recorte limitado, “[a] linguagem é um objeto de tal complexidade que todas as possibilidades de abordagem serão sempre parciais (2004, p. 68).

A língua pode reproduzir os conceitos de uma determinada cultura ao passo que também, ao mesmo tempo, pode ser afetada pelas transformações culturais, que são inevitáveis. Assim como religião, crenças e artes são determinantes para as mudanças na linguagem de uma comunidade linguística. Fica evidente que este objeto considera a religião e os preceitos que a comunidade linguística professa como fator para a produção de jargões.

Explorar a articulação dos estudos da linguagem é entender as influências externas que abarcam a língua, saber que o estudo da linguagem se compromete com as outras percepções é propiciar um leque maior de possibilidades de análise do corpus. As divisões dos estudos linguísticos, posteriormente sociolinguísticos, são baseadas nessas considerações, como abordado na sequência.

2.2. DIVISÕES DA LINGUÍSTICA

A Linguística apresenta muitas divisões. Para nosso trabalho mostraremos alguns delas, de acordo com objetivos, focos e constituições diferentes. A divisão que leva em conta o *foco de análise* pode ser dividida em:

a) Linguística Descritiva: Seu objetivo é descrever uma determinada língua simultaneamente em um determinado recorte de tempo, fornecendo dados que vão confirmar ou não uma determinada hipótese levantada pelo pesquisador. Atualmente, ela deu lugar à chamada Linguística Teórica, que foca mais na teoria do que na descrição.

b) Linguística História: Busca analisar as mudanças que a língua sofreu através do tempo;

c) Linguística Teórica: De um modo geral, foca em estudar questões de como as pessoas conseguem comunicar-se; em descrever as propriedades de que todas as línguas têm em comum; que tipo de conhecimento uma pessoa deve possuir para usar a língua e o processo de aquisição da linguagem;

d) Linguística Aplicada: Por intermédio da linguística, ela busca solucionar problemas, que podem estar ligados ao ensino de línguas, à tradução ou mesmo aos distúrbios de linguagem.

e) Linguística Geral: Pode-se dizer ela fornece os modelos e os conceitos que servirão de fundamento para a análise das línguas.

Se levamos em conta o que *constitui uma língua*, a divisão da Linguística muda para:

a) Fonologia: Busca estudar os menores segmentos sonoros que formam a língua, ou seja, os fonemas;

b) Morfologia: Descreve as classes de palavras, suas flexões, a estrutura e a formação das mesmas;

c) Sintaxe: Visa analisar e descrever a hierarquia dos sintagmas que vão constituir as sentenças,

d) Semântica: Tem a intenção de descortinar e descrever os sentidos impressos na língua, seja no léxico, seja na sentença;

Se levamos em conta a sua *conexão com outros domínios*, ela pode ser dividida em:

a) Psicolinguística: Busca a interface entre a Psicologia e a Linguística estudando a relação entre a linguagem e a mente;

b) Sociolinguística: Descreve a relação entre a linguagem e a sociedade, levando em conta que a sociedade não é uniforme e a língua reflete a sociedade, pressupõe que língua passa por inúmeras variantes, de acordo com foco do público analisado;

c) Etnolinguística: Tem a intenção de estudar a relação entre a linguagem e a cultura de um determinado povo.

Abaixo reproduzimos um quadro que apresenta um outra divisão da Linguística, com suas ramificações:

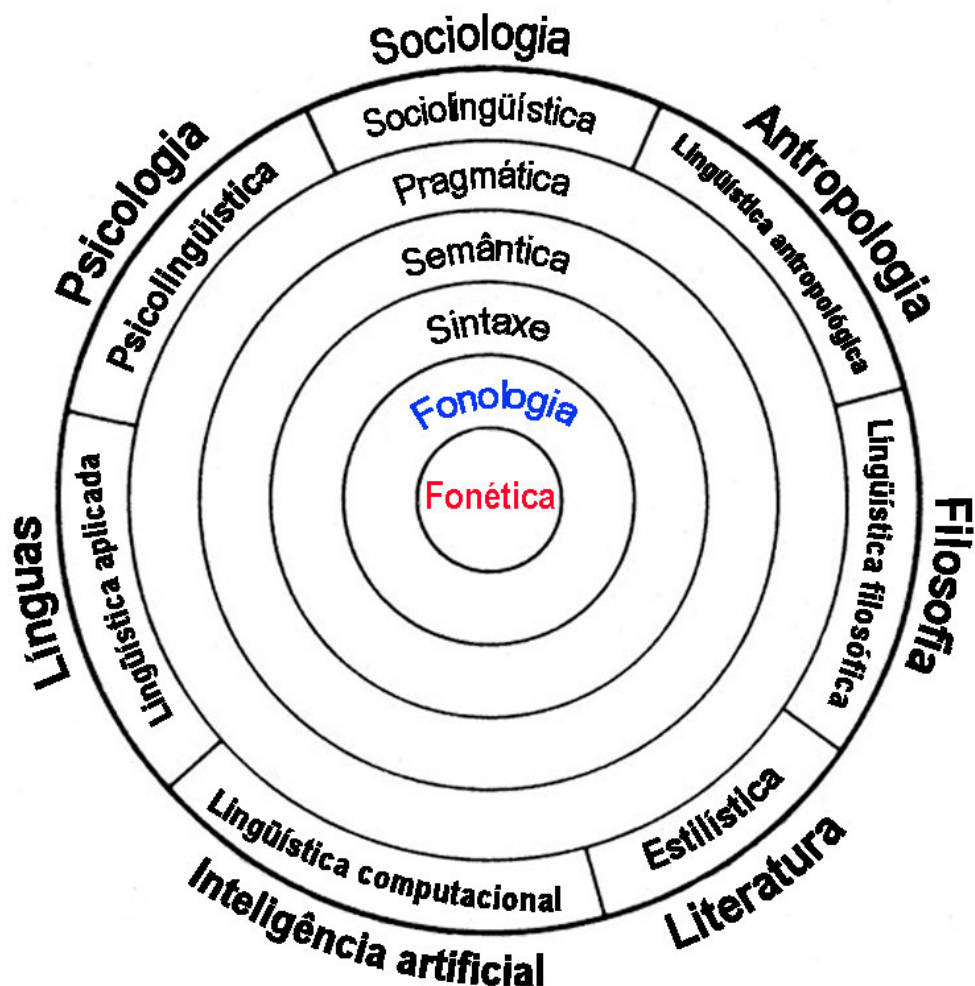


Imagem obtida no site: <http://web.library.emory.edu/subjects/humanities/ling/images/Linguistics.jpg>.
* Os termos foram traduzidos para o Português.

Fonte: http://www.fonologia.org/imagens/img_divisoes_linguistica.jpg

As descrições acima não buscou ser exaustiva, mas panorâmica a fim de situar o nosso trabalho dentro da ciência da linguagem.

2.2.1. A LINGÜÍSTICA ESTRUTURALISTA DE SAUSSURE

Os estudos e pesquisas que se debruçavam sobre a língua, seja ela escrita ou falada, percorreram um trajeto longo e caudaloso, até alcançar a Linguística elaborada

por Ferdinand Saussure. Segundo Saussure, os estudos sobre a língua passaram por três fases, até chegar ao seu real sentido, “verdadeiro” segundo o autor.

A primeira fase atribuída aos gregos, chamada de *Gramática*, tinha como objetivo diferenciar e formular, por meio da lógica, formas certas das erradas. Seguida pela fase *Filológica*, de Wolf. Perpetuada desde o século XVIII até os dias de hoje, tinha a “crítica” como cerne para análise de textos de cunho, primeiramente, literários e interpretações, comparação entre textos de autores da época e de épocas diferentes. Para o autor, este período antecipou o que se chamaria de Linguística Histórica, sobretudo, com a ressalva de que a língua falada fora esquecida.

Para Saussure “o terceiro período começou quando se percebeu que as línguas poderiam ser comparadas entre si” e diversos autores passaram a comparar e a analisar línguas conjuntas, percebendo, assim, sua raiz (SAUSSURE, 2005, p.8).

Para Cabral (2014) “Pode-se dizer que a linguística histórico-comparativa abriu o caminho para a ideia de mudança linguística, de modo que, a partir das investigações e comparações entre diversas línguas, chegava-se a uma “língua-mãe”, de onde originavam-se as outras”. Essa pressuposição se manifesta no entendimento que houve um ancestral comum para as línguas conhecidas na época, o chamado Indo-Europeu.

Por este viés comparativo do estudo das línguas, Saussure aponta a falha metodológica afirmando que não é suficiente, somente, a “comparação” em si, que se pode reconstituir a história de uma língua, mas isso não é suficiente. Afirma, então, que:

Esse método exclusivamente comparativo acarreta todo um conjunto de conceitos errôneos, que não correspondem a nada na realidade e que são estranhos às verdadeiras condições de toda linguagem. (SAUSSURE, 2005, p.10)

Foi então, que, a partir da metade do século XIX a Linguística se aproxima de seu “verdadeiro” objeto. O caráter social da língua, enquanto pertencente a um grupo, requisito este que aproxima indissociavelmente o aporte desta pesquisa. Para Saussure foi graças aos “neogramáticos não se viu mais na língua um organismo que se desenvolve por si, mas um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos” (SAUSSURE, 2005. p.12).

A língua passa a ser estudada de modo inerente aos que a falam, não mais separadamente, mas sim levando em consideração que esta só existe se e enquanto existir seus falantes. O objeto da Linguística se constitui por toda e qualquer

manifestação de linguagem, de toda forma de expressão. Cabe a ressalva, de que Saussure considera apenas os textos escritos para análise dos idiomas antigos, algo bem próximo da Filologia.

É a partir do *Curso de Linguística Geral (1916)*, de Saussure, que a linguística passa a ser definida como ciência. Nesta obra o autor estabelece a língua, em seu todo, como objeto principal de estudo. Considerando que antes disso apenas havia estudos sobre a linguagem do período, e não uma ciência específica.

Com o intuito de compreender os primórdios da linguística Faraco (2011) postula que a ciência linguística passa a considerar premissas como a possibilidade das línguas serem oriundas de uma mesma raiz, segundo ele:

A linguística se constituiu como ciência, no sentido que a modernidade deu ao termo, a partir dos últimos anos do século XVIII, quando William Jones, o juiz inglês que exercia seu ofício na burocracia colonial em Calcutá, entrou em contato com o sânscrito. Impressionado com as semelhanças entre essa língua, o grego e o latim, levantou a hipótese de que semelhanças de tal magnitude não poderiam ser atribuídas ao acaso; era forçoso reconhecer que essas três línguas tinham uma origem comum. (p. 29)

Os estudos linguísticos evoluem e se aprimoram, abarcando objetos de pesquisa ainda maiores. Após ser definida como ciência, duas foram às divisões que deram aporte central até a chegada a linguística atual. Os estudos linguísticos tiveram como primeira concepção metodológica a “indução”, tais estudos deram origem a Linguística Estruturalista e desenvolvida por Saussure que abarcou a primeira metade do século XX.

Esses estudos científicos da Linguística deram origem ao chamado Estruturalismo, que pode ser definido como:

Trata-se, entretanto, de uma estrutura dinâmica, para servir às mais variadas e inesperadas necessidades da comunicação, e, por outro lado, nunca cabal mas sempre em elaboração. O caráter incompleto da estrutura linguística é que explicam não só a irregularidade e a exceção no plano da sincronia, mas também as mudanças linguísticas.” (Câmara Jr. DLG)

As principais ideias do Estruturalismo podem ser resumidas em:

- a) A línguas como sistema de oposições e como produto social
- b) As dicotomias

Língua x Fala

Diacronia x Sincronia

Sintagma x Paradigma

c) A arbitrariedade do signo Linguístico

Para o primeiro item, pode-se dizer que a língua, usando uma metáfora de Saussure, é como um jogo de xadrez e o falante tem acesso às peças, no caso, as palavras, mas vai organizá-las da maneira que convier, formando frases novas a todo momento.

Quando Saussure aponta as dicotomias, ele as divide em três. A primeira é: língua e fala, ou seja, a língua é o sistema coletivo em que estamos inseridos para a comunicação, como a língua portuguesa, enquanto a fala é a manifestação individual dessa língua.

A segunda dicotomia é do sintagma e do paradigma. Sintagma é a combinação das formas mínimas numa unidade linguística superior. Nesse sentido, ele é um conjunto binário em que um elemento determinante cria um elo de subordinação com outro elemento que é o determinado. O paradigma também pode ser definido como um conjunto de formas linguísticas que se associam por um traço linguístico permanente, que é o denominador comum de todas elas.

Saussure ainda propõe uma terceira dicotomia: sincronia e diacronia. Sincronia designa a concatenação dos fatos de uma língua em um determinado momento. Formando um conjunto de correlações e oposições que constitui um estado linguístico. A diacronia é a transmissão de uma língua, de geração em geração sofrendo mudanças em todos os níveis, a chamada evolução linguística.

Por fim, a terceira idéia de Saussure tem a ver com a arbitrariedade do signo linguístico, ou seja, o signo é formado pela união psíquica do significado e do significante. Tal formação é arbitrária, sem nenhuma relação que seja de imposição.

O Estruturalismo teve uma versão norte-americana que enfatizava: (a) a língua falada, (b) os estudos das línguas indígenas e o desenvolvimento do trabalho de campo, (c) os subsistemas da línguas e suas unidades: fonologia como um subsistema cuja unidade é o fonema, a morfologia com a unidade mínima o morfema e o sintaxe com o constituinte imediato (sintagma) e (d) a organização de um procedimento de descrição linguística que começa com o levantamento do *corpus*, passa para a análise fonológica, em seguida para a morfológica e encerrava na sintaxe.

2.2.2. A LINGUÍSTICA GERATIVA DE CHOMSKY

Na década de 1950, surge a Linguística Gerativa. Ela se objetiva em compreender o funcionamento e organização da linguagem na mente. Seu estudo está focado na linguagem como uma faculdade mental que revela que o ser humano é dotado de um dispositivo inato que, juntamente com os dados do meio ambiente linguístico, explica todo o seu conhecimento de língua (Chomsky, 1988).

Chomsky, o criador da teoria da Gramática Gerativa, formulou três perguntas para a formulação de sua teoria linguística:

- a) O que constitui o conhecimento de uma língua?
- b) Como esse conhecimento se desenvolve?
- c) Como esse conhecimento é posto em uso?

Para Chomsky é preciso entender o que é “saber uma língua”, como esse saber vai se desenvolvendo e como ele é colocado em prática no dia a dia do falante, já que é extremamente complexo. Para tal, ele defende a hipótese de que a língua é inata:

As crianças aprendem a falar porque a capacidade para a linguagem, bem como muito da estrutura da linguagem, estão presentes dentro dela. A função da experiência linguística, segundo o ponto de vista racionalista, não é tanto moldar a linguagem como ativar a competência linguística com que nascemos. Os esquemas para qualquer sistema linguístico possível fazem parte do equipamento natural inato com que nasce toda criança. (Lese, p. 246)

Pode-se destacar quatro evidências do inatismo defendido por Chomsky:

(a) Uniformidade da aquisição da linguagem. Lese lembra que há muitas habilidades físicas e intelectuais que as crianças podem deixar de dominar, apesar de uma quantidade considerável de instrução, mas o falar não está entre elas. (p. 247)

(b) A linguagem é privativa da espécie humana. Lese destaca que a experiência mostrou que um chimpanzé, mesmo sendo criado exatamente como uma criança, não adquire nada que apresente qualquer semelhança com os sistemas linguísticos que as crianças aprendem tão facilmente (p. 248)

(c) A relativa perfeição da aquisição da linguagem. Vale lembrar que se a linguagem refletisse a inteligência geral e não uma capacidade especial, seria de esperar

que diferenças de inteligência tivessem correlação com diferenças na aquisição da linguagem. (Lese, p. 249)

(d) O caráter abstrato e a complexidade das línguas. A criança domina a série inteira de unidades lexicais e princípios estruturais que constituem um sistema linguístico, com base em evidência indireta e fragmentária. (Lese, p. 249)

Além disso, pode-se citar as etapas da aquisição da linguagem, que são universais, ou seja, acontecem da mesma forma em todas as línguas: (a) fase do balbúcio – a criança distingue os sons da língua, (b) fase holofrástica – a criança produz sentenças formadas por apenas uma palavra, (c) fase das duas palavras – nessa fase a criança produz enunciados compostos por duas palavras e (d) fase das sentenças – a criança constrói enunciados bem estruturados do ponto-de-vista sintático.

Chomsky resume assim o Gerativismo:

No caso da linguagem, deve-se explicar como um indivíduo, a partir de dados muito limitados, desenvolve um saber extremamente rico: a criança, imersa numa comunidade linguística, confronta-se com um conjunto muito limitado de frases, na maioria das vezes imperfeitas, inacabadas, etc...; entretanto, ela chega, num tempo relativamente curto, a “construir”, a interiorizar a gramática de sua língua, a desenvolver um saber bastante complexo, e que não pode ser induzido só dos dados de sua experiência. Concluímos, disso, que o saber interiorizado deve ser estreitamente limitado por uma propriedade biológica; e sempre que nos defrontamos com um tal situação, em que um saber é construído a partir de dados limitados e imperfeitos (e isto de maneira uniforme e homogênea entre os indivíduos), poderemos concluir que um conjunto de coerções apriorísticas determina o saber (o sistema cognitivo) obtido.” (1977, p. 69)

Acima foram apresentadas as ideias essenciais do Gerativismo, que foca principalmente na construção das sentenças, explicando-as.

2.3. A SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística estuda a língua como um fenômeno social. Saussure confiava que a língua não pertencia aos indivíduos, mas que era um fenômeno social, de todo o grupo, conforme dito acima. Saussure não tinha preocupação com as relações entre a língua e a sociedade. Seu foco estava nas relações internas da língua, nas relações entre os signos linguísticos. A língua seria uma complexa estrutura de distinções entre elementos linguísticos: os fonemas, os morfemas e o léxico. Para estudar essa estrutura, Saussure imaginava que a língua de uma comunidade era mais estável do que a fala de qualquer membro de tal comunidade. A fala dos indivíduos pode variar, mas a língua é

um sistema abstrato de relações, completo e unificado. Saussure enfatizava que a linguística tinha que estudar a língua estacionada no tempo, sem se preocupar com a variação que aparece na fala.

Chomsky assumiu uma postura muito parecida. Seu foco estava em descobrir a estrutura da gramática universal, a partir da faculdade da linguagem, que é inata. Para ele, só havia de chegar à estrutura básica de todas as línguas que era por meio do conhecimento intuitivo que os falantes trazem da sua língua materna.

Tanto Saussure quanto Chomsky entendiam que as línguas eram estáveis ao ponto de permitir a descrição como sistemas perfeitos e invariáveis. Assim, tais propostas foram úteis para pesquisar as estruturas linguísticas. Mas para tal, tais teorias necessitavam imaginar a língua, parada no tempo, que não variava, algo comum nas ciências. Mas os fatos apontavam que a variação estava por toda a parte. Há muita variação dentro de cada língua.

A partir dessas questões surge a Sociolinguística, que vai buscar estudar a língua em toda a sua variedade, considerando a variação linguística um fato que deve ser explicado.

Esse modelo teórico-metodológico, que se vale da fala espontânea, para análise quantitativa dos dados obtidos rompeu com as correntes estruturalistas e gerativistas que tinham como foco a análise da língua como estrutura não heterogênea, estudando a língua sem levar em conta os fatores contextuais sociais. A Sociolinguística postula que a língua não é homogênea, pelo contrário, por pressões sociais e também linguísticas é que ocorrem as variações sistemáticas. E ainda, que é, na heterogeneidade da língua que se deve estruturar o sistema.

Assim como descreve Calvet (2002), a perspectiva adotada por Labov permitiu que a língua falada pudesse ser descrita quanto a suas variações, postulando a ideia de que “a língua é um sistema que conhece apenas sua ordem própria”. A partir disso, estuda a língua pelo viés do indivíduo em uma determinada comunidade de fala, mostrando também que a heterogeneidade é inerente ao sistema linguístico.

Sendo assim, se faz valer a noção de que é necessário observar a linguagem do ponto de vista diacrônico e sincrônico, como um objeto possuidor de heterogeneidade sistemática. A variação pertence ao sistema linguístico, permitindo descrição e explicação, considerando a correlação dos dados empíricos ao contexto social e linguístico.

Também chamada de Teoria da Variação Linguística ou Sociolinguística Variacionista, a subárea da Linguística se ergue em dois pressupostos base. O primeiro se refere ao caráter social da língua, ou dos fatos linguísticos. Premissa que se relaciona com o conceito de “fato social”. O segundo se dá pela comprovação de variabilidade e mudança constante destes fatos linguísticos sociais. A língua é inerente à sociedade que a utiliza, é um fato social que pertence ao falante. O segundo conceito se comprova pelo fato de que todas as línguas mostram mudança ou variação, haja vista que nenhuma língua se mantém heterogênea sem transformação ou variabilidade. Sabendo que a “língua é um conjunto estruturado de normas sociais” (LABOV, 1994), o autor acrescenta que:

Os procedimentos de linguística descritiva se baseiam no entendimento de que a língua é um conjunto estruturado de normas sociais. No passado, foi útil considerar que tais normas eram invariantes e compartilhadas por todos os membros da comunidade linguística. Todavia, as análises do contexto social em que a língua é utilizada vieram demonstrar que muitos elementos da estrutura linguística estão implicados na variação sistemática que reflete tanto a mudança no tempo quanto os processos sociais extralinguísticos. (1994, p. 241)

A variabilidade pertence aos fatos linguístico tal como os fatos linguísticos pertencem à sociedade, a comunidade de fala. Há por detrás da heterogeneidade uma sistemática relacionada aos fatos sociais externos e uma sistemática relacionada aos fatores internos, linguísticos.

A heterogeneidade é uma característica universal e necessária das línguas. Se fazendo inerente, pois “o sistema linguístico que serve a uma comunidade heterogênea e plural deve ser também heterogêneo e plural para desempenhar plenamente as suas funções” (LUCCHESI e ARAÚJO, 2016). A heterogeneidade é sistemática, pois pode ser relacionada aos fatores sociais. Para Bortoni-Ricardo (2014), “os recursos da variação, que toda língua natural oferece, estão sistematicamente organizados em sua estrutura e contribuem para tornar a comunicação entre os falantes mais produtiva e adequada”.

A linguagem possui função social significativa, é na relação entre linguagem e sociedade que se manifesta a diversidade linguística, e esta prova as diversidades e estratificações sociais. A língua não desempenha apenas o papel de transmitir informações, mas também de propiciar relacionamentos. Calvet afirma que “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes” (2002, p.12).

Bright trouxe anteriormente a Labov as primeiras considerações sobre o caráter social da língua. Traçou paralelos de análises em três eixos de identidade. O primeiro se refere ao emissor, o segundo diz respeito à identidade do receptor e o terceiro sobre as condições da situação comunicativa.

Como no caso da Sociolinguística, por exemplos, outras das ciências humanas foram incorporados aos estudos da língua como a Sociologia e a Antropologia, para se compreender as relações externas e internas da língua. Para Calvet (2002) “A Linguística moderna nasceu da vontade de Saussure de elaborar um modelo abstrato, a língua a partir dos atos de fala”.

2.3.1. A ORIGEM

Somente com Labov (1972) que a Sociolinguística se firma com ciência. A Sociolinguística surge a partir dos estudos de William Labov e os postulados de Weinreich e Herzog (1968), com o objetivo de descrever a variação ou mudança linguística, levando em conta o contexto social de produção de fala, observando o uso da língua dentro da comunidade de fala e utilizando um modo de análise quantitativa dos dados obtidos, baseada na fala espontânea (na medida em que isso é possível) dos indivíduos, ou seja, do *vernáculo*, estilo em que o mínimo de atenção é dado ao monitoramento da fala. (Labov, 1972, p. 208).

2.3.2. OBJETIVOS DA SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística tem como objetivo primeiro estudar a língua em sua produção mais real possível, no âmbito de uma comunidade, como no caso deste estudo a comunidade cristã-evangélica que vamos abordar na terceira parte do trabalho, não somente buscando entender a regularidade (e respectivos fatores motivadores das mudanças), mas também no intento quantificador dos jargões usuais dos falantes.

Para considerar um fenômeno variável existem dois requisitos. Para Labov (1978), o primeiro seria a manutenção do significado e o segundo a possibilidade de ocorrência num mesmo contexto. Veremos a diante, que a significação de determinados jargões se modifica por influência de diversos fatores, e que mesmo havendo uso recorrente seu significado não é mais o mesmo, ou ao contrário, quando não há mais

recorrência perante o significado havendo a substituição do jargão por outro. Inseridos em um mesmo contexto os jargões recebem diversas significações de acordo com a ocasião de, quem fala e como fala. Trata-se de diversas maneiras de dizer a mesma coisa com um mesmo valor de verdade ou com o mesmo sentido referencial.

Sendo assim, a Sociolinguística Variacionista tem por objeto a língua em seu contexto sociocultural, uma vez que parte da explicação para a heterogeneidade inerente e sistemática pode ser encontrada em fatores externos ao sistema linguístico. Como observa Mollica (2013, p. 10), “os usos de estruturas linguísticas são motivados e as alternâncias configuram-se por isso sistemáticas e estatisticamente previsíveis”. Um estudo sociolinguístico, portanto, tem por objetivo descrever fenômenos variáveis, analisando e sistematizando as variantes linguísticas usadas em uma comunidade de fala e relacionando-as aos fatores sociais e linguísticos que as desencadeiam. Isso é feito calculando-se a influência que cada fator interno ou externo ao sistema linguístico tem na realização de cada variante.

2.3.3. A METODOLOGIA

Quanto aos meios metodológicos, a sociolinguística busca descrever e explicar o processo de variação ou mudança, por meio de fatores sociais, como classe social, sexo, idade, nível de escolaridade, entre outros, e linguísticos como variáveis internas da língua, para que se identifiquem quais fatores influenciam a escolha de uma determinada variante, provando que a regularidade da variação é sistemática e governada por um conjunto de regras, não categóricas, mas variáveis; a lembrar que, ainda como postula Calvet (2002), as línguas não existem sem as pessoas que as falam e que a história de uma língua é a história de seus falantes. A comunidade falante do presente estudo tem sua fala diretamente atrelada a preceitos religiosos, sua fé e sua cultura eclesiástica são determinantes no seu modo de fala.

Para Labov (1972), toda variação é condicionada, este conceito substitui a noção estruturalista de variação livre, toda variação ocorre apenas e tão somente ligados a fatores de influência. Seguindo a ideia de que uma regra variável deve apresentar frequência expressiva de uso moldando-se às possíveis interferências de fatores linguísticos e extralinguísticos, notou-se que os evangélicos têm no uso de jargões uma unidade comum de identificação recorrente, e que este fator está diretamente ligado, a

priori, a comunidade doutrinária que pertence e suas respectivas diferenças teológicas. Os jargões aqui recebem podem também receber o nome de *variantes*, pois se deve considerar que tal fenômeno é particular a comunidade evangélica.

2.3.4. VARIANTES LINGUÍSTICAS

Existem diversos tipos variantes linguística. Por exemplo, quando um falante se manifesta oralmente, podemos descobrir muita coisa sobre ele só por meio de sua fala, mesmo sem ver a pessoa, pode-se perceber de onde ela vem, o gênero, a idade, a etnia e a classe social, só pela linguagem que usa.

Nem toda variação linguística serve para indicar o indivíduo que está falando. Algumas variantes linguísticas indicam o que está acontecendo, onde e qual a importância social do que está acontecendo. Os falantes modificam a maneira de falar de acordo com a situação, com o contexto.

Muitos são os fatores que influenciam nas variações, escolaridade, idade, gênero etc. os tipos de variação podem ser divididos da seguinte maneira segundo as características que para a mudança:

- A) Variação diastrática: Variação de patamar social
- B) Variação diacrônica: Variações por período de tempo
- C) Variação diatópica : Variações por lugares ou regiões
- D) Variação diamésica: Variação entre língua oral e língua escrita
- E) Variação diafásica: Variação individual de cada falante da língua de acordo com o grau de monitoramento em determinada situação.

A partir da década de 1960, Hymes lançou a noção da competência comunicativa, como contraponto à competência linguística de Chomsky. Para o autor, para compreender o conhecimento que os falantes têm da língua, não basta conhecer as estruturas gramaticais, mas é preciso saber como e onde se devem usar tais estruturas.

As primeiras análises de Labov se valeram de interações que focaram o campo fonológico da variação. Verificando que as variações investigadas eram motivadas por fatores sociais ou estilísticos. Os primeiros conflitos surgiram, problemas como a adaptação do modelo em campos diferentes do fonológico se chocaram com a ideia a cerca da manutenção do mesmo significado das formas alternantes. Com a evolução dos

estudos Labov e Wainer (1983) produzem um trabalho sobre as estruturas ativas e passivas do inglês, variável de natureza sintática.

Nesse trabalho os autores explicitam como se dá a construção ativa e passiva sem agentes externos, como as variantes linguísticas, sendo essas possuidoras de mesmo significado e representação, concluindo que diferenças de sentido observadas são matizes de foco ou ênfase que não afetam o significado de referência. Como produto do estudo, apontou-se que as formas linguísticas passiva/ativa são semanticamente equivalentes e não condicionadas socialmente, todavia sim por fatores internos, como o “paralelismo estrutural”.

Esses resultados acarretaram na reformulação de pressupostos teóricos: a ideia de que variação, que pode ser explicada em termos sociais, dá lugar a considerações de ordem interna relativas ao funcionamento da gramática. Neste sentido, valendo-se do pressuposto que o falante evangélico tem como base ideológica a Bíblia algumas interjeições estariam diretamente ligadas à construção que o fiel lê em sua versão, tradução ou até edição. Tais construções formam jargões que denominaremos e abordaremos, a diante, *jargões de interjeição*.

Propondo alargamento da condição de mesmo significado para condição de comparabilidade, outros autores, como Lavandera (2008), colocaram em questão a adequação de se estender da noção de variável sociolinguística a outros níveis de análise que não somente o fonológico, o autor defendia a ideia de que toda construção sintática possuía seu significado próprio.

Autores, como Martelotta (2008), apontam a influência do quesito situacional como fator determinante para as mudanças:

A sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação. (MARTELOTTA, 2008, p. 141).

Passou-se, então, a considerar alternantes sintáticas como variáveis sociolinguísticas. Essas deveriam veicular alguma informação não referencial, cujo significado fosse social ou estilístico, deveriam ser similares às variáveis fonológicas, alternando de modo quantitativo e com frequências significativas (CAMACHO, 2013).

Respondendo as explicações de Lavandera (2008), Labov ressalta a noção de significado referencial, ou significado representacional, sustentando a consideração de que dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas tem o mesmo valor de verdade. Ademais do significado representacional, o autor sugere duas outras funções: a função *de identificação do falante* e a função *de acomodação do ouvinte*. Labov afirma, que o objetivo da teoria linguística é predizer a distribuição provável da língua de informação nos níveis fonológicos, prosódico, morfológicos sintáticos etc.

A teoria, não só visa mensurar o peso dos fatores sociais, tem o intuito de obter um panorama da estrutura gramatical da língua, e maneira como regras gramaticais cumprem as funções de acomodação/identificação é etapa posterior a análise. Em suma, o autor acrescenta que existem evidências de que a competência linguística abarca restrições quantitativas e que o reconhecimento de tais restrições permite construir a teoria gramatical. Abre-se, por conseguinte, espaço para análises variacionistas nos diferentes níveis gramaticais, contribuindo para explicação de fenômenos variáveis que possam ocorrer em dois níveis, os com base em fatores condicionantes estruturais ou sociais.

Para a Sociolinguística, a língua deve ser entendida como um elemento vivo, social que reflete, condiciona e configura as diferenças representadas pelos grupos sociais. As variáveis linguísticas agem como indicadores dos diferentes tipos de comportamentos sociais, alguns desses associados à mudança/variação.

A ação religiosa dos evangélicos produz uma fala adequada ao meio, não necessariamente nessa ordem, porém se a fala é não produto do meio ideológico é ele que produz a adequação da fala, da exclusão ou da aquisição de termos, no caso os jargões. Labov aponta que as variações sociais e estilísticas desempenham um papel importante na mudança linguística (1972). Definindo o termo *social*, o autor afirma que são traços linguísticos que caracterizam os distintos subgrupos de uma sociedade heterogênea; como definição de *estilístico*, as modificações mediante as quais um falante adapta sua linguagem contexto imediato do seu ato de fala.

Ao se verificar o passado, neste caso, o trajeto doutrinário teológico das vertentes protestantes instaladas no Brasil, nos faz perceber que tanto as correntes neopentecostais como jovens, se enquadram no seguimento denominado inovador quando a recorrência de jargões. Olhando o trajeto passado como fonte de indícios para explicações do

presente é possível projetar futuras variações. Grupos mais jovens tem maior predominância, por exemplo, de variação.

O comportamento que se verificou nesta pesquisa, demonstra que jovens fiéis das diversas denominações, propagam com maior recorrência um número considerável de jargões. Os jovens tanto inovam ressignificando jargões antigos, quanto incorporam novos jargões para expressar algo com significação comum inerente ao seu tempo e convívio. Estes padrões de comportamento linguístico são determinados em diferentes grupos, num determinado espaço de tempo.

A distribuição em tempo aparente corresponde à distribuição por faixas etárias e também a gradação etária. A utilização do tempo presente para explicar o passado, o chamado princípio do uniformitarismo, provém de constantes da fisiologia e da psicologia humanas e das interações comuns às comunidades de fala e do seu encaixamento numa matriz espacial e temporal mais ampla. Os eventos linguísticos que nos cercam anos são oriundos das mesmas raízes dos eventos linguísticos do passado.

Mesmo que hajam padrões gerais de mudança e que esses sejam os mesmos, existem especificidades em cada época que não podem ser desprezadas, como por exemplo, como as formas e regras são aplicadas. De acordo com Labov, a análise da mudança em tempo aparente é apenas um prognóstico, uma projeção, uma hipótese. O corte sincrônico de análise ocorre após ser localizada a variação, assim que identificada, volta-se no tempo, eixo do tempo real, para obtenção de dados com os quais se possa descrever e analisar os fatores que produziram a variante.²

A mudança em tempo real se relaciona ao caráter diacrônico da língua. Para Tarallo (2011) “uma vez atestada a mudança com base em dados do tempo aparente, deve-se proceder a um encaixamento histórico da variável no tempo real”.

O enfoque cujas orientações têm como cerne a consideração das especificidades sociais do objeto, deve categoricamente considerar um conjunto de premissas que se encontram diretamente ligados à função cognitiva da linguagem. É bem verdade que, segundo Camacho, “todas as línguas fornecem a seus falantes os mecanismos adequados para a conceitualização e a expressão de proposições lógicas, como relações de equivalência, implicação, conjunção, disjunção e outras” (CAMACHO, 2013, p. 31).

² Cabe desde já a ressalva de similaridade de significado para entendimento da pesquisa. Quando apontada o termo *variante*, empírico está o significado de recorrência ou uso de jargão. Visto que a pesquisa se faz a priori quantitativa e a posteriori em sua análise qualitativa – explicativa

Para diferir e entender como ocorre à representação linguística nos níveis mais abstratos e concretos, no caso dos evangélicos, é preciso entender sua percepção ideológica ou visão de mundo, o que podemos chamar em termos teológicos de cosmovisão cristã.

... a teoria da linguagem tem respostas diferentes para as mesmas questões, principalmente no que concerne às relações entre linguagem, pensamento e cultura. A linguística descritiva se opôs a certas concepções universalistas da gramática filosófica. Diferenças formais na estrutura linguística estariam correlacionadas a diferenças no modo de representação do mundo. Essa hipótese explicativa, entendida como hipótese Sapir-Whorf, parte do postulado de que a realidade externa nada mais é que um caos sem a interferência ordenadora do sistema linguístico. Ao produzir uma modelagem da realidade, a estrutura linguística fornece também uma visão de mundo tal que o conhecimento de determinada civilização sobre a realidade está relacionado direta ou indiretamente à língua que seus membros empregam. (CAMACHO, 2013, p. 31-32).

Não optaremos pela definição e diferenciação dos sete tipos principais de cosmovisão, todavia nos apropriaremos da noção básica consensual e dicionarizada de que cosmovisão é o modo pelo qual uma pessoa vê ou interpreta a realidade. É a estrutura ou prisma por meio do qual a pessoa entende os dados da vida. A cosmovisão é determinante para descrever como o ser humano percebe Deus, as origens, o mal, a natureza, certos valores e destinos. A cosmovisão bíblica que tem certa ramificação do *teísmo revela* a percepção, abstrata ou concreta do mundo, sendo fator determinante de identidade comum ao cristão evangélico.

Perceber a língua como dotada de heterogeneidade sistemática é fundamental para a captação do curso da mudança ou variação. Em segundo plano se faz necessário descobrir o mecanismo gerador da mudança, ou seja, que fatores condicionaram para que a mudança ocorresse. Serão especificados abaixo os seguintes princípios propostos por Weinreich, Labov e Herzog (1968), que se diferenciam em princípios de: *transição, restrição, encaixamento, implementação*. Justifica-se a necessidade de explanação sobre tais conceitos considerando a hipótese de que servirá para delimitar e descrever a ocorrência dos jargões, encaixando cada jargão correspondente a respectiva especificidade teórica, se possível, pois ao mesmo tempo podem ou não se encaixar. Para Camacho (2013)

A base de explicação da língua enquanto objeto heterogêneo estaria assente não apenas na consideração de fatores propriamente linguísticos, mas também na consideração de fatores extralinguísticos, que, em conjunto,

participam ativamente da aplicação de uma regra, favorecendo-a ou desfavorecendo-a. (p.124).

Denominada de *Transição* temos a chamada fase de menor sistematicidade, entende-se por transição a mudança de um estado da língua a outro. Mesmo esta se encontrando em estado – permanente – de mudança o falante a utiliza. A língua mesmo possuindo caráter sistêmico para que ocorra, ao mesmo tempo abarca mudanças, ou seja, a mudança ocorre enquanto a própria língua muda. O mesmo falante ora usa uma determinada forma, ora outra, percebendo ou não. Quanto aos jargões, verificou-se que o falante ora percebe a mudança, ora não.

Nesse patamar de transição, a forma alternativa, o jargão, passa a ser utilizada em contextos e motivações específicas, até o estágio de primordial no geral, fazendo decair a forma anteriormente utilizada tornando-a obsoleta. Ao se comprovar que as motivações promovem alternância na língua, percebe-se que a variação pertence a ela, como constata Monteiro:

[...] a variação é essencial à própria natureza da linguagem humana e, sendo assim, dado o tipo de atividade que é a comunicação linguística, seria a ausência de variação no sistema o que necessitaria ser explicado. (MONTEIRO, 2000, p. 57)

O conceito de *restrição* está diretamente ligado ao supracitado, pois é aqui que se desvela a causa ou condição da mudança. Quando se detecta a mudança, o ato de transição propriamente dito se identifica quais os possíveis condicionamentos e restrições linguística ou extralinguísticas que a ocasionaram.

Sobre o quesito *encaixamento* do fenômeno em mudança, é fundamental descobrir como formas alternantes se encaixam no sistema de relações linguísticas e extralinguísticas. Saber a importância da mudança em termos estruturais e em termos sociais e quais as correlações entre ambos. Mais próximo das percepções doutrinárias/teológicas, o viés do encaixamento traz a importância de identificação do peso extralinguístico na ocorrência da mudança. Arelada às causas ou motivações está o quesito *implementação*. Aqui se identifica em que parte da estrutura social e/ou linguística se deu origem a mudança.

No próximo capítulo serão apresentadas as características do falar dos evangélicos e os jargões utilizados pelo grupo.

3. O FALAR EVANGÉLICO

Um grupo social pode ser definido, segundo a Sociologia, “como um agregado de indivíduos no qual: existam relações definidas entre os indivíduos que o compreendem e cada indivíduo tem consciência do próprio grupo e de seus símbolos.” (BOTTOMORE, 1992, p.105). O falar dos cristãos evangélicos reflete suas crenças, seus costumes, ideologia e comportamentos, conforme veremos a diante.

Unidos por ideologias diversas, crenças, afinidades, etnias ou até gosto musical, as “tribos”, comunidade ou grupo social se forma na interação dos indivíduos que fazem parte deste grupo ou que passam a fazer parte deste grupo.

Segundo Martelotta (2008) comunidade de fala se define da seguinte maneira:

O indivíduo, inserido numa comunidade de fala, partilha com os membros dessa comunidade uma série de experiências e atividades. Daí resultam várias semelhanças entre o modo como ele fala a língua e o modo dos outros indivíduos. Nas comunidades originam-se agrupamentos de indivíduos constituídos por traços comuns, a exemplo de religião, lazeres, trabalho, faixa etária, escolaridade, profissão e sexo. (p.148)

O uso de jargões é produto de uma estratificação, marca primeira de uma evidente *separação*, que identifica este falante como parte deste “corpo”, como um requisito de inserção na comunidade, mas que distingue dos demais grupos sociais. A utilização dos jargões segue prerrogativas sociais que explanam os motivos de serem usadas.

A primeira delas é que os fiéis, cristãos evangélicos em geral, têm como parâmetro base confessional, como base ideológica e filosófica a Bíblia. O uso desta abarca em si uma série de preceitos doutrinários que modulam o comportamento do cristão, sendo a própria *fala* característica e particular, um dos requisitos, primeiros, de pertencimento a essa comunidade.

A comunidade evangélica possui diversas ramificações, conforme visto anteriormente. Dentre as diversas doutrinas que se diferem desde o modo litúrgico à interpretação das Escrituras Sagradas, as que figuram com o maior número de seguidores são as pentecostais e neopentecostais. Em seguida as denominações tradicionais, batista, presbiteriana, adventista e metodista concentram números menores de adeptos, estes seguimentos serão abordados mais à frente concatenados as definições necessárias de termos.

Ao analisarmos a sociedade contemporânea pelas premissas da variação linguística ou identificando uma determinada comunidade de fala por características específicas, como jargões, nos deparamos com a percepção de que certos aspectos culturais e sociais estão diretamente relacionados à escolha léxica. A natureza do uso dos jargões entre os evangélicos tem sua raiz na estrutura ideológica da comunidade inerente à Bíblia.

O português padrão brasileiro, por exemplo, é produto arraigado, de uma herança colonial consolidada. A diferença de comportamento linguístico é indicador, claro de estratificação social por este fator percebeu que em países em desenvolvimento, a segregação e distanciamento social têm na língua sua marca evidente dos percalços dessa característica de vulnerabilidade.

Se aplicada a noção de ensino sistemático da língua aos ensinamentos bíblicos pós-modernos, considerando a premissa impositiva dogmática como a da língua padrão, tem-se como produto uma demarcação que produz diferenças sociais das variantes de prestígio assim como as do uso de jargões, que significa prestígio. As mesmas raízes formadoras dos padrões de distanciamento das comunidades de fala pelo quesito *língua de prestígio* também produzem no falar do meio evangélico certo aspecto hermético.

Assim como escola, a igreja tem papel fundamental de propagação de um modo padronizado de fala. Se por um lado escola propaga em seu ensino o caráter ou viés normativo e a língua da cultura dominante, a igreja reverbera a cultura dogmática enraizada aos preceitos bíblicos e a doutrina denominacional.

Segundo Vendryes, “a linguagem é fato social, por excelência, resultado do contato social. Ela se tornou um dos mais fortes laços de união das comunidades e deve seu desenvolvimento à existência do grupo social”. (VENDRYES, 1921[1914], p. 13 apud MARRA e MILANI, 2012, p. 8)

Identificar as bases ideológicas do seguimento religioso evangélico é essencial para explicar o que se descortina ao se ouvir uma interjeição de saudação peculiar do meio. Assim como na língua falada há uma variante de prestígio, no seguimento evangélico também há uma modo de fala que identifica o falante como “irmão”, parte pertencente da comunidade. A apropriação dos jargões demonstra “enquadramento” do que faz uso naquela comunidade, cria-se uma identidade familiar para este falante que tem necessidade de aceitação.

A chegada dos primeiros protestantes no Brasil se deu a pouco mais de 150 anos, se comparado ao catolicismo a vertente evangélica é nova no país. Mesmo tendo um crescimento relevante nas últimas quatro décadas, evangélicos brasileiros se encontram e momento de mudança.

Este trânsito tanto pode ocorrer entre as doutrinas que se formaram ao longo de anos de sincretismo – mescla de características tanto entre religiões como entre doutrinas da mesma fé – como pelas cisões de grandes denominações.

Outro aspecto de suma importância a ser considerado, a característica inerentes a ao quesito baumaniano *pós-moderno* (2001) com que “fazem” as religiões, que figuram como agente de liquidez e dissipação, muitas vezes, dando origem grupo como os “desigrejados”. Decepções com líderes, corrupção e acesso a informação caracterizam um novo grupo de cristãos, os quais ainda são cristãos evangélicos e professam sua crença e fé na Bíblia, todavia não frequentam igrejas.

O discurso bíblico está sustentado por fé e tradição. Ao longo do tempo o uso dos *jargões* fora marca de identidade desde setores marginalizados da sociedade, como usado com língua semi-secreta, de profissionais de ramos específicos, por maçons entre outros. Assim como uma roupa que se veste para a ida à congregação junto aos demais fiéis os jargões são apropriados pela comunidade.

Tanto na linguagem profissional como no discurso cotidiano, o jargão pode ser usado para descrever ou censurar, para inserir ou segregar. “Está relacionado tanto ao ouvido do ouvinte, quanto à língua do falante” (Burke e Porter, 1997, p.7). Ao longo do tempo muitos jargões considerados marginalizados ou estigmatizados passaram a fazer parte do vocabulário cotidiano e o que era hermético e restrito passou a ser de uso comum, familiar e até utilizado com certo prestígio.

3.1. DEFININDO JARGÃO

De antemão é necessário justificar utilização dos postulados por Burke e Porter (1997). O uso destes princípios teóricos justifica-se pela abordagem histórico-social da linguagem, cuja aproximação do viés histórico com o recorte social abarca a relação de solidariedade de conflitos, continuidades e mudanças. Ao se concentrarem na relação entre linguagem e jargão, os autores aproximam a noção de historiador com as premissas sociolinguísticas.

A origem da palavra *jargão* se dá na aproximação do uso de palavras inteligíveis algo como o “gargarejo” ou “gorjeio” dos pássaros. Os termos “gargle” do inglês e “jargon” do francês possuem a mesma raiz etimológica, mudando de significado ao se espalhar de uma língua para outra, a palavra passou a ter sentido conotativo de linguagem do submundo, algo similar a gíria. Uma *antilinguagem*, chegando ao português, por exemplo, com a variação “geringonça”, uma contratura ou uma linguagem utilizada por marginais (BURKE, 1997, p. 8).

Alguns ladrões do século XV, os *Coquillards*, utilizavam jargões e sinais para que pudessem se reconhecer entre si e ao mesmo tempo não levantar suspeitas. *Coquille* significa concha, explicação utilizada por eles para vida nômade e peregrinação até o Santuário de Santiago de Compostela que tem como símbolo a concha (BURKE, 1997).

Já no século XVI uma série de sinônimos para essa tal linguagem do submundo fora surgindo e evoluindo. Na Espanha, por exemplo, o termo *germanía*, fazia referência a esses diversos grupos marginalizados. A palavra *caló* era utilizada para dar a conotação de jargão à linguagem dos ciganos, que também eram vistos como ladrões. No português atual temos o termo calão, muitas vezes utilizados para se referir a palavrões. No italiano a variação do termo ficou conhecida como *furbesco*, pois os malandros delinquentes da época tinham o nome de *furbi*. Burke apropria-se da definição de jargão do French – English Dictionary de Cotgrave: “*Jargon*. Algaravia, linguagem empolada, gíria de ladrões; uma algaravia bárbara”. A raiz da palavra dava origem ao termo *jargonneur* que significa “um palavrador, um trapaceiro que fala empolado ou em uma linguagem que nem ele nem seus ouvintes entendem” (BURKE, 1997, p.9).

Já na Alemanha o termo fazia referência ao ídiche, variação comum do hebraico de difícil entendimento falado por comunidades de judeus poloneses e alemães. Muda-se a percepção significativa de uso do termo jargão passando a considerar o caráter étnico da linguagem, uma vez que o ídiche era comparado à linguagem dos mendigos (BURKE, 1997).

Na Inglaterra o termo *cant*, era usado tanto para os trapaceiros quanto para os filósofos, por serem estes também considerados na época vigaristas. É na Inglaterra dos séculos XVII e XVIII que se têm as primeiras aparições do uso do jargão para definição de linguagem religiosa - pelo mesmo motivo citado anteriormente – os grupos *puritanos* e os *quacres* se enquadravam neste recorte (BURKE, 1997).

Os quakers ou quacres eram uma vertente religiosa que se opunha as ideias do catolicismo e anglicanismo. Seus preceitos ideológicos chocavam-se com os princípios católicos, pois estes criam na liberdade individual de consciência e não nas escrituras sagradas como autoridade máxima sobre questões morais. O tratamento entre seus membros não era dogmatizado nem cheio de honrarias, não havia títulos ou hierarquia, não havendo assim a necessidade de igrejas ou clero. (BURKE, 1997).

Guardada as devidas proporções, seria hoje algo como os “desigrejados”, essa comunidade de vanguarda, mais liberal e fluída também foi, claramente, marginalizada. Descortinando a variedade de sinônimos que o termo jargão recebeu com o passar do tempo, os aspectos culturais inerentes a essa novas percepções também se modificou.

O uso do jargão passou a servir para definir ou classificar, a linguagem profissional de um determinado grupo como de advogados ou comerciantes, a linguagem artística, a linguagem escolar ou da camada mais jovem da sociedade. Ainda na Inglaterra nos século XVIII, jargão passou a ser sinônimo de “dialeto” e “gíria”, pois aqui já se diferenciava a linguagem do submundo da linguagem das demais que faziam uso dos jargões. Usava-se o termo “flash lingo” ou “the slang” significando língua de marginais e gíria, respectivamente (BURKE, 1997).

A história evolutiva dos jargões revela crescente variedade da linguagem falada, é produto muitas vezes de subculturas. Observar a recorrência do jargão em uma determinada comunidade é identificar marcas socioculturais de extrema importância, notar as estratificações sociais, como os grupos que possuem falar herméticas se apropriam de novas significações, como usam símbolos para se expressarem.

Neste contexto, pondera-se sobre outro olhar analítico para jargão, o viés pejorativo. Mesmo sendo o jargão um fenômeno linguístico como qualquer outro; assim como os gregos se apropriavam do termo *barbaroi* para identificar os que não falavam a mesma língua, o jargão foi utilizado para identificar a linguagem do outro, fala inteligível como um *gargarejo*, conforme dito anteriormente. O aspecto da renovação lexical é visível na correlação entre religião e língua, produzindo uma linguagem considerada inovadora, adaptável às diversas necessidades de comunicabilidade.

A variação linguística pressupõe características sociais, como um número de adeptos considerável para a propagação e permanência do jargão. Esses jargões não são aceitos por uma maioria dominante, não se usa com frequência e tampouco se faz comum aos demais falantes da mesma sociedade, o que demarca o aspecto tanto

segredador como unificador do jargão, ou seja, o jargão tanto separa seu usuário dos demais que não usam como também une este falante aos demais falantes.

Preti (1974), assim como Burke e Porter (1997), conceituam gíria como sendo uma fala hermética de um determinado grupo de falantes, diferente do jargão.

Ciganos, comerciantes, médicos, ladrões ou qualquer profissional de qualquer área, desde o princípio se apropriaram de uma variante específica que semanticamente só pertence a eles mesmos. Para Burke (1997), e como retrataremos a diante, muitas dessas *gírias* são formados por solecismo ou vícios de linguagem que facilitariam, possivelmente, a comunicação.

Para Preti (2006) tem-se que gíria é sinônimo de jargão

... Quando se trata da história da gíria, conhecê-la significa penetrar no mundo da marginalidade, na vida dos grupos excluídos da sociedade pela sua própria condição de pobreza ou pelas suas atividades peculiares (não raro ilícitas), os quais buscam com a criação de um vocabulário criptológico uma forma de defesa de suas comunidades restritas. Mas, por outro lado, historicamente, são os mesmos motivos de preservação e segurança que fizeram com que comerciantes ambulantes, mascates, na Idade Média, criassem seus próprios códigos secretos de identificação. E essa gíria da marginalidade e do comércio se mistura também à de um povo surgido na Índia, historicamente discriminado, os ciganos, que, com sua vida nômade, espalharam seu vocabulário em várias áreas da Europa e, posteriormente, da América. (p. 242)

As motivações do uso tanto gírias como dos jargões podem ser as mesmas. Pela motivação empírica que se podem classificar as diferença, parcial, entre jargões e gírias. Hoje, as gírias carregam uma marca preconceituosa, um estigma de marginalidade ou de falta de escolarização. Gíria ainda hoje carrega a ideologia das tribos. O que era antes “antilinguagem” forma de fala que demarcava quesito de contracultura ou uma linguagem para marginais” ainda é vigente atualmente.

Estendendo ainda mais a noção de abrangência, podemos enquadrar *jargão* como “socioleto”, pois se baseia no modelo dialetal, os jargões seriam classificados, já foram classificados, como “línguas especiais”. Ora jargões se formam podem ser formado, primeiramente, por processos neológicos, ora por ressignificação de jargões já existentes, havendo ainda jargões que se apropriam de outras línguas.

Preti no resumo de um de seus artigos explana de modo introdutório, sua percepção atual do estudo conceitual, função e origem de gíria, que também pode ser aplicado aos jargões:

A gíria é a marca característica da linguagem de um grupo social. Torna-se difícil analisar esse fenômeno sob um enfoque geográfico, embora possa afirmar-se que a gíria é predominantemente um vocabulário urbano. Mas, de qualquer ponto geográfico que possamos partir, a gíria estará sempre ligada a um grupo social diferente. Mas também é possível dizer que é na maior variedade das *situações de interação* da cidade que ela surge como um importante recurso de expressividade... (PRETI, 2000, p. 1).

Fica evidente que tanto para Burke (1997) quanto para Preti gírias ou jargões funcionam como marca expressiva de pertencimento, grosso modo, é a fala particular do grupo (*comunidade linguística*), sendo assim deve-se considerar a relação entre linguagem e todo fator externo que a influencie significativamente. A religião e doutrinas eclesiais, neste caso, são fatores fundamentais para “adequação” da linguagem, ocorrendo por duas vias .

Temos a definição de comunidade por aproximação ideológica cultural, que se manifesta por meio da língua a sua unidade. Relações que conectam os componentes deste, por realizarem práticas em comum, como atos litúrgicos e compartilhamento da mesma fé.

Este grupo também comunga de uma mesma consciência teológica, reproduzindo ideais comuns que se manifestam linguisticamente. Os jargões desempenham papel essencial demarcador de grupo, não diferente disso verifica-se este pressuposto neste pequeno na comunidade evangélica.

Nesse sentido, estudou-se o uso dos jargões nas comunidades cristãs evangélicas na incumbência de delimitar, analisar e descrever a relação social e histórica que permeiam antes a crença bíblica e os efeitos na língua desta comunidade, averiguando a frequência e formação de determinados jargões. Precisamos correlacionar os aspectos linguísticos e sociais somados ao quesito “fé” para a investigação da linguagem, neste caso o uso de jargões, retoma a ideia de heterogeneidade de postulada anteriormente por Labov, e comprovada por Burke e Preti (1997).

Discorrendo sobre jargões e seu uso como delimitador social, Burke (1997) – que é historiador – focou nos grupos e comunidades de fala, na intenção de descrever os jargões e a forma como eram, antigamente, utilizados, demarcando território e época. Verificando sua primeira aparição, sua propagação pela Europa e sua continuidade evolutiva. A perspectiva de uma linguagem histórica apresentada por Burke (1997) concatenados em sua trilogia, denota uma percepção que direciona por dois eixos o percurso analítico, o eixo histórico e o eixo social da linguagem. Ambos os enfoques são, não só, mas também, abordagens feitas pela Sociolinguística.

Sobre a definição das funções dos jargões, elaboradas nos pressupostos de outros linguistas o historiador social aponta funções de uso, como por exemplo, servindo de conveniência prática, ou usada com abreviações, ora como códigos restritos ou linguagens profissionais ou de comércio. A própria intenção de uso do jargão por uma determinada comunidade buscando facilitação e eficiência de comunicação, revelava certo posicionamento perante a sociedade.

Este posicionamento poderia ser baseado em diversas premissas como: posição social, cargo, idade, profissão, origem (estrangeiro) e principalmente participação na criminalidade ou mendicância. Para ele “a linguagem é um sistema simbólico, e deveríamos, pelo menos, nos perguntar sobre possíveis funções simbólicas do jargão” (Burke, 1997, p.23). Além disso, sabe-se que:

O uso do jargão por um determinado grupo social é um dos meios mais potentes de inclusão e exclusão.

Segundo Labov

... comunidade de fala não é definida por nenhum acordo/contrato no uso de elementos de língua, mas pela participação em um jogo de normas compartilhadas; tais normas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos e pela uniformidade de modelos abstratos dos padrões da variação que são invariáveis em relação aos níveis particulares de uso. (1972, p. 120-121).

Considerando que neste contexto se insere o advento da crença bíblica e tudo que isso produz no estilo de vida dos que participam dessa comunidade evangélica. Mesmo tendo a Bíblia sido escrita em hebraico e grego, há muitos anos, até hoje tenta se adaptar essa linguagem, antiga e não atualizada, por aproximação de significância aos moldes de uma sociedade moderna, tendo como base muitas vezes traduções antigas, sem levar em conta que a língua mudou, as estruturas frasais sofreram alterações, mas as traduções seguiram o padrão das línguas originais e há muita resistência para as revisões das traduções clássicas.

Cada falante se insere no meio pelo falar que os aproxima, além de seus gostos em comum sua linguagem passa ser semelhante e pelo advento das *gírias* e dos *jargões* esse fator se torna ainda mais latente. Nessa interação que o ser humano verbaliza e simboliza pode-se perceber o tempo em que este fala.

Entendida como “sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos ou conteúdos da consciência” a

linguagem se realiza de modo histórico onde cada sistema se realiza em determinada comunidade de falantes. Mais que necessário saber que a *intercomunicação social* é que produz linguagem, por esta estar inserida no mundo e no meio e não se realizar individualmente. (BECHARA, 2009)

A *atividade humana de falar* possui cinco dimensões universais – que para o estudo se faz necessária ressaltando o caráter da análise, haja vista que este tem objetivo o aprofundamento em instancias superiores – e são elas *criatividade, materialidade, semanticidade, alteridade e historicidade*.

Criatividade, porque a linguagem, forma de cultura que é se manifesta com atividade livre e criadora, ou “do espírito”, isto é, como algo que vai mais além do aprendido, que não simplesmente repete o que já foi produzido. *Materialidade*, porque a linguagem é, primeiramente, uma atividade condicionada fisiológica e psicologicamente, pois implica, em relação ao falante, a capacidade de utilizar órgãos de fonação, produzindo signos fonéticos articulados (...) com que estabelece diferenças de significado; enquanto em relação ao ouvinte, implica a capacidade de perceber tais fonemas e interpretar o percebido como referencia ao conteúdo configurado pelo falante mediante os signos fonéticos articulados. É o nível biológico da linguagem. *Semanticidade*, porque a cada forma corresponde um conteúdo significativo, já que na linguagem tudo significa tudo é semântico. *Alteridade*, porque o significar é obrigatoriamente e sempre um “ser com outros”, próprio da natureza político-social do homem, de indivíduos que são homens juntos a outros e, por exemplo, como falantes e ouvintes, são sempre cofalantes e coouvintes. *Historicidade*, porque a linguagem se apresenta sempre sob a forma de língua, isto é, de tradição linguística de uma camada histórica. Não existe língua desacompanhada de sua referencia histórica: *só há língua portuguesa, língua francesa, língua inglesa (...)*. (BECHARA, 2009, p.29)

Levando em conta as cinco instâncias universais formadoras da linguagem, estas juntas são pressupostos a serem considerados para uma análise bem estruturada do objeto em questão, em que a linguagem humana articulada se realiza por meio dos chamados *atos linguísticos* organizados em sistemas. Concatenado a isso à religião. Parâmetro de instância filosófica, que carrega o discurso dando norte às escolhas lexicais, modificando os eventuais usos com intuito de demarcar o corpo de fala, neste caso identificar por meio da expressividade o pertencimento engajado a religião.

Os falantes dessa pluralidade tendem a buscar facilidades para o entendimento de suas comunicações e é, não só, mas também, pelo advento dessa necessidade de comunicação que a língua se molda para que a linguagem se faça comum.

Há, então, uma busca por uma unidade de linguagem onde o falante realiza por ordem política e cultural sua expressão; “geralmente, nessas, condições, se eleva um

dialeto como veículo de expressão e comunicação que paire sobre as variedades regionais e se apresente como espelho da unidade que deseja refletir o bloco das comunidades irmanadas” (BECHARA, 2009). É o que se chama *língua comum*.

Por esse viés notamos que, não só o cristão, mas todo aqueles que professam alguma tipo de fé ou religião pode ser reconhecido pelo falar. Diferenciando assim uns dos outros de modo não segregativo, mas enquadrando o que fala em seu meio de convívio, num processo mais natural possível. Dentre relevantes aspectos sobre as funções da linguagem, esta pode representar a cultura, condição social e nível de escolaridade do falante.

Como a Sociolinguística tem por objeto estudar os padrões de comportamentais linguísticos observados dentro de uma determinada comunidade de fala analisando de modo formal num sistema heterogêneo, pode-se construir por unidades e regras delimitações das variáveis. Notamos que a ocorrência dos jargões variava de acordo com as presenças de alguns fatores, como idade, sexo, o tempo que o cristão está na comunidade, o tempo de cristianismo e hierarquia/cargo dentro da igreja. Após o preambulo introdutório sobre o falar particular dos evangélicos, abordaremos a comunidade e a coleta de dados, seguido pela discussão sobre o uso dos jargões específicos desta e por fim a análise.

3.2. A COMUNIDADE CRISTÃ EL SHADDAI

O *neopentecostalismo*, desdobramento teológico/doutrinário pentecostal, e o próprio *pentecostalismo* são vertentes evangélicas que possuem falas *inovadoras*. Distanciam-se das igrejas de raízes tradicionais do cristianismo protestante/evangélico, como batistas, metodistas ou presbiterianos. De longe as raízes teológicas tem sua aplicabilidade duvidosa, e como foi contextualizado no capítulo primeiro sobre a origem da fé cristã, esse distanciamento teológico com as Escrituras, o desprezo pela hermenêutica e exegese bíblica afeta o culto racional. A Comunidade Cristã El Shaddai se insere no nicho das igrejas neopentecostais contemporâneas.

Uma das vertentes do movimento neopentecostal são as igrejas que têm por base o movimento, denominado *celular*, seguem o modelo dos 12 apóstolos de Jesus, ou igrejas denominadas *apostólicas* – G12 e M12, que teve início com o pastor César Castellanos Dominguez, da Missão Carismática Internacional – fazem uso de itens

particulares da cultura judaica. O culto, mais espontâneo, emotivo em que as manifestações espirituais são mais propensas, os jargões surgem do cotidiano ministerial dos fieis, seja ele nos cultos, escolas dominicais ou sabatinas, reuniões nos lares, evangelismos entre outros.

O movimento neopentecostal se inicia no final década de 1960, representa uma série de mudanças inseridas na igreja pentecostal, e foi assim definido por Dias

O neopentecostalismo faz um diálogo com elementos pentecostais tradicionais, como a emotividade nos cultos, os dons do Espírito Santo, a glossolalia, entre outras que caracterizam o pentecostalismo tradicional que foram reelaborados pelo diálogo entre estas práticas e a cultura da sociedade capitalista de consumo, trazendo algumas mudanças em relação ao tradicional ascetismo protestante. Essas transformações que não estão apenas inseridas no campo das doutrinas e diretrizes religiosas, mas, sobretudo, visível nas práticas e representações cunhadas por estas denominações, qual sejam, suas características de adaptação de práticas religiosas à sociedade circundante, incluindo reformas de caráter secularizante, comportamental, estético e teológico, para além das características centrais do pentecostalismo, como o êxtase religioso, a prática de cura, o exorcismo (...) (2008, p.2).

Tais práticas desprezam as realizações da Reforma, o “caráter de religião reformada”, que se objetivou em voltar ao princípio da igreja de Atos, chegando a ser consideradas por historiadores e teólogos como igrejas cristãs “não protestantes”, é neste contexto que está inserida a comunidade de coleta de dados.

O ano da fundação da Comunidade Cristã El Shaddai, nosso objeto de estudo, não é sabido ao certo, porém os pastores líderes que estão hoje à frente do grupo assumem a igreja no ano de 1997. A igreja aderiu em 1999, a Visão Celular no Modelo dos 12, a partir de então sobre a liderança maior do “apóstolo” Rene Terra Nova, de Manaus, AM. Neste período inicial a igreja era composta por 400 membros e depois da inserção na Visão Celular houve um crescimento considerável.

Hoje a comunidade conta com aproximadamente três mil membros que se auto-denominam discípulos. A igreja está dividida por “redes”, que têm líderes que são subordinados aos apóstolos da comunidade. A Visão Celular é um construto de uma matriz teológica neopentecostal, originada na década de 1980 na Colômbia com os pastores César e Cláudia Castellanos. Chega ao Brasil no fim da década de 1990, por intermédio de Valnice Milhomens da Igreja Nacional do Senhor em São Paulo Jesus Cristo e René Terra Nova do MIR em Manaus, Dias descreve que:

O termo “G-12”, num sentido político, governo dos 12, é a metodologia que é aplicada nas congregações que aderiram à liderança do pastor colombiano César Castellanos, a qual consiste em formar grupos de doze discípulos para a liderança eclesial através das células que são os cultos domésticos. O G-12 teve a sua origem, num fenômeno místico, no qual, na década de 1980 o pastor César Castellanos recebeu uma imagem da parte de Deus, de como seria o seu ministério. Essa “visão” é relevante também por constatar as visões como uma origem mística que atribuiu legitimidade tanto para o nascimento do G-12 quanto para a sua autoridade espiritual e o reconhecimento desta autoridade no meio protestante (DIAS, 2008, p.6).

Se aproximando de uma administração piramidal os grupos, redes, são formados por doze pessoas, que podem ser homens e mulheres juntos ou separados. A figura do casal de apóstolos é a primeira da hierarquia, abaixo doze que podem ser casais, representando doze homens e doze mulheres. Estes podem ou não ser pastores que recebem o “título” de acordo com suas feitorias dentro da comunidade, como, por exemplo, quantidade de discípulos na sua rede. As redes se multiplicam por meio de células, que são reuniões semanais que compartilha a mesma mensagem e realizam a mesma liturgia. As redes podem ser definidas ou compostas por diversos fatores. Proximidade geográfica, afinidade ou amizade, parentesco, cônjuge, idade, sexo. A comunidade realiza um culto para toda igreja que acontece no domingo, além das “células” que são feitas em casa, existe retiros espirituais chamados “Encontros com Deus” e palestras eventuais ou seminários com algum tema ligado ao modelo dos 12, ao judaísmo, que está sempre presente de modo sincrético nas liturgias da igreja, a começar pelo nome. A coleta de dados se deu nessas circunstâncias, está exposta no item a seguir. A Comunidade Cristã El Shaddai, tem como base quatro pilares das etapas da multiplicação de adeptos, Ganhar, Consolidar, Discipular e Enviar³.

3.3. A COLETA DE DADOS

Situar a comunidade, primeiramente, é necessário para que se compreenda o contexto doutrinário que a igreja está inserida. O introdutório histórico do nascimento da igreja cristã que passa pela Reforma até a chegada das primeiras missões ao Brasil é crucial para compreensão dos modos teológicos com quais as vertentes pentecostais e neopentecostais se situam, conforme visto anteriormente.

A coleta de dados se deu em visitas realizadas entre os anos de 2014 e 2015. Verificou-se pela fala espontânea em cultos, células, encontros, palestras e seminários o

³ <http://elshaddaicg.com.br/institucional/visao-celular> Acesso em 2 de janeiro de 2017.

uso dos jargões, vários retirados de vídeos disponibilizados no site da igreja. Após a definição da comunidade de recolha do *corpus* e qual metodologia seria utilizada para o estudo da linguagem, zelou-se pelos requisitos de coleta da sociolinguística para a excelência e não alteração dos resultados.

Definindo a variável que seria estudada, os jargões realizou-se a coleta desses dados. O interesse da Sociolinguística é analisar o vernáculo de uma comunidade de fala. Notou-se que o uso dos jargões não se fazia de modo espontâneo, como pressupõe Labov (2008, p.208), na qual a fala recebe o “mínimo de atenção”. Os jargões são usados premeditadamente, pois carregam em si o todo ideológico que modifica a fala. Usar jargões requer, anteriormente, seleção para o uso. O que pode causar a variação etária, por exemplo, setores mais jovens não se utilizam de jargões da classe com mais idade.

Feito o recorte do que consideramos *variável*, coletaram-se os dados para subsidio da análise. Vale a ressalva de que a *variável jargão* fora escolhida pela recorrência e frequência de uso que se relaciona inerentemente a comunidade como requisito próprio delimitador de “comunidade”. A fala deste grupo específico que o identifica e o reconhece como comunidade propriamente dita.

A coleta de dado parte do jargão para análise, só a partir dele é que se podem analisar os motivos que o promovem. Existem jargões que não são utilizados pela comunidade toda, mas representam uma linguagem do jovem, por exemplo. Recolheu-se o jargão a partir dele identificaram-se as particularidades de uso.

A coleta de dados se fez por intermédio da ativa participação na comunidade em questão, durante um período de quase dois anos. Verificando a recorrência dos jargões, quais são eles e o que eles significam. Verificamos as faixas etárias onde os jargões aparecem mais, se existe a relação com fatores teológicos que influenciavam seu uso. Verificou-se, por fim, se o sexo definia o uso dos jargões e quais as relações desses aspectos entre si e também, qual a influencia do texto bíblico na produção “neológica” dos jargões.

Os jargões foram divididos de acordo com seus “tipos” em jargões de interjeição, saudação, exortação, motivação/estímulo ou ânimo, os que foram adaptados de “bordões” e os que são “frases feitas” ou “expressões idiomáticas”.

3.3.1. A DISCUSSÃO SOBRE JARGÕES

No final de 2014 a população que se professa cristã *evangélica*, em aproximação estatística atingiu a expressiva marca de 25,03% da população nacional. Assim chegando a um quarto da população total com a marca de aproximadamente 51 milhões – média de progressão feita pelo site *olharcristao.blgspot.com.br* acompanhando o índice de desenvolvimento populacional de 2010 a 2013 feito pelo IBGE – considerando o crescimento da população nacional e suas estáticas nos últimos trinta anos os evangélicos cresceram cerca de 44 milhões, o que os torna, evidentemente, a vertente religiosa que mais cresce no Brasil.

Os cristãos evangélicos formam um grupo, que apesar de não sólido ou não tão unido assim, devido às varias denominações existentes, tem um “mundo próprio”, um mercado próprio, uma cultura e linguagem própria. O mercado “gospel”, nome moderninho de parte do movimento cristão evangélico focado em um estilo musical mais descontraído e pouco conservador na vida cotidiana, movimenta milhões anuais com shows, livros e acessórios. A música movimenta shows com estruturas grandiosas, os “artistas” gospel possuem contratos com grandes gravadoras. Em relação à literatura “gospel”, diversos autores sobre temas teológicos movimentam grandes cifras com suas produções.

O principal advento fomentador do crescimento dos evangélicos no Brasil é, sem sombra de duvidas, a nova percepção interpretativa que um sistema capital de “liquidez” transformou as relações religiosas com o passar dos anos. A “reconfiguração” dos preceitos cristãos influenciou a tal crescida. Outro fator que produziu grande crescida no número de fiéis foi a TV, antes proibida na maioria das denominações evangélicas.

Os programas, que contam com investimentos estrondosos, ganham o espaço televisivo em quase todas emissoras dos canais abertos, e já possuem TVs próprias na rede paga ou canais fechados. Crescimento que desde a década de 1980 explode em cruzadas evangélicas que reúnem milhares de fiéis em estádios e arenas enormes.

É neste panorama que ao mesmo tempo em que cresce o número de evangélicos toda uma cultura “gospel” também se constrói; pegando carona nesse processo temos a

configuração do *evangeliquês*, sendo a mais pura manifestação ideológica que se traduz pela exposição do discurso.

3.4 ANÁLISE

Burke e Porter (1997) descrevem o percurso da língua e suas expressões de acordo com uma “história social da linguagem”. Na pluralidade de culturas, fator latente no convívio entre os brasileiros, é possível notar que assim como há uma espécie de sincretismo religioso também surge uma linguagem própria para identificação de uma irmandade, os crentes. Em países europeus, por exemplo, denominações diferentes não se convergem, seus adeptos escolhem apenas uma a seguir. Em caráter introdutório utilizaremos para exemplificar um dos processos que demonstram como tempo suplanta a linguagem.

A palavra *sermão*; poucos pregadores aos moldes de Agostinho fazem uso do vocábulo para se referir a uma pregação. Atualmente *sermão* carrega uma deturpada noção de algo feito por pedantes, enfadonho, demorado e extremamente cansativo. Todavia “arrazoado longo e enfadonho com que se procura convencer alguém” não é mais visto com bons olhos num tempo que a reflexão já perdeu posto para o visual e imediatista. Sendo assim não só se perde hoje o valor léxico instituído nos primórdios da igreja, que batizaram as falas de Cristo, porém se esfacela também o valor pedagógico dos sermões. Os sermões eram o complemento das leituras litúrgicas das missas.

O *sermão* na antiguidade era visto como algo de valor extremo, e de profundo existencialismo, diferente de hoje em dia.

Só levando em conta este vínculo entre religião e vida é possível compreender o impacto educacional que a homilética de então provocava. O ultimo camponês analfabeto e o trabalhador mais rustico podiam estar destituídos de tudo. Tinham, porém, uma riqueza inalienável: a de encontrar na Igreja (e na igreja) a abertura da alma para a grandiosidade, tanto arquitetônica e plástica como a da inteligência e a da palavra. (LAUAND, 1998, p. 9).

Bem como *calão*, gíria e jargão são palavras que caracterizam o léxico de um determinado grupo de falantes, que por sua vez se identificam por um discurso hermético (mesmo que gíria ainda carregue o significado antigo de linguagem “marginalizada”).

A palavra *Gospel* expressão que em português significa evangelho, é transliteração da palavra inglesa God-Spell ou a Palavra de Deus, com a chegada do evangelho por parte dos norte americanos *gospel* passou a se referir a música tocadas nas igrejas mescladas com o blues e o jazz. Hoje tudo que se pode referir ao meio evangélico carrega o vocábulo *gospel*, roupas, shows e eventos, músicas o mundo e a cultura dos evangélicos (redundantemente) é *gospel*, conforme comentado anteriormente.

3.4.1. OS TIPOS DE JARGÕES

Nesta etapa delimitaremos os jargões segundo sua tipologia e funcionamento. Criamos uma divisão específica para a classificação dos jargões. Serão divididos em *jargões de saudação ou jargões de interjeição, jargões de exortação ou admoestação, jargões de estímulos, ânimo ou jargões motivacionais, jargões referenciais* que fazem alusão a um personagem bíblico, *jargões por ressignificação ou neologismo, outros jargões*, Gomes (2009) afirma que

Os jargões evangélicos surgiram a partir do uso do texto sagrado da Bíblia, escrita em outra cultura, num outro tempo e por outro povo. O uso frequente faz com que se utilizem tais expressões como identidade do grupo. São formas vernaculares que boa parte da população desconhece. É necessário cuidado no uso recorrente desse tipo de vocábulo, pois abuso no emprego de jargões cria uma barreira entre cristãos e não cristãos, inclusive com um vocabulário que identifica aqueles que dominam e os que não dominam o falar “espiritual”. (p.5)

Na tentativa de manter a proximidade com o texto bíblico, os evangélicos adequam ao máximo sua linguagem a escrita. Torna assim, a comunicação dificultada, hermética, distanciando os que não fazem parte da comunidade do entendimento do modo como falam.

3.4.1.1. JARGÕES DE SAUDAÇÃO OU INTERJEIÇÃO

Jargões de saudação são comumente usados para apresentação do preletor do culto ou no cumprimento entre demais membros da comunidade. Os *jargões de saudação* são comuns também às demais denominações evangélicas, gesto de cumprimento.

(i) “*A paz de Deus*”. Variantes: “*A paz do Senhor*”, “*A graça e paz de nosso Senhor Jesus Cristo*”, “*A paz!*” entre outras

As saudações derivam da fala de Jesus nos evangelhos biográficos, também são encontrados no livro de Atos e das epístolas de Paulo. Numa percepção teológica de aspecto mais doutrinário, pois organiza a introdução dos atos litúrgicos. Saudação utilizada, atualmente, tanto para apresentação do preletor frente aos ouvintes quanto para encontros mais casuais que não os ritos. Jesus nos relatos evangelísticos induzia seus seguidores e os que com ele vinham ter a andar segundo a “paz do Senhor”.

Vejamos o exemplo de uma saudação do apóstolo Paulo a igreja de Éfeso:

Paulo, apóstolo de Cristo Jesus por vontade de Deus, aos santos que vivem em Éfeso, e fiéis em Cristo Jesus: Graça a vós outros e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo. (Efésios 1.1)

Outro exemplo, pode ser extraído de uma saudação de Jesus aos discípulos.

E falando eles destas coisas, o mesmo Jesus se apresentou no meio deles, e disse-lhes: Paz seja convosco. (Lucas 24.36)

Não se reproduz a saudação fielmente como no texto bíblico, porém a marca mais expressiva que manifesta da lógica cristã é o termo *paz*. Representação de um desejo vindo de uma irmandade que expressa unidade. Porém igrejas pentecostais e neopentecostais utilizam uma espécie de contracultura da expressão, fazendo uso apenas da saudação “*A paz*”. Esse jargão é utilizado para saudações mais informais, e pode ser correspondido com “*A paz*” ou com um “*amém*”, algo mais casual de convívio entre os membros.

O *amém* é muito utilizado pelos evangélicos substituindo a palavra *sim*.

O *jargão de saudação* da Comunidade Cristã El Shaddai que também tem em seus cultos muito sincretismo com o judaísmo, danças típicas judaicas, instrumentos e vestimentas, é a tradução para o hebraico da palavra *paz*, o *shalom*.

É uma expressão muito utilizado entre os hebreus, sobretudo, como uma forma de saudação ou despedida. A palavra *shalom* representa um desejo de saúde, harmonia e paz para aquele ou aqueles a quem é dirigido o cumprimento, na cultura original.

Os pastores ou apóstolos da Comunidade Cristã El Shaddai saúdam a congregação utilizando em vez de *paz*, o *shalom*:

Frases:

- (ii) “*Shalom, Igreja!*” Variantes: “*Shalom, jovens do avivamento!*”, “*Shalom, Rede de Jovem mais avivada do Brasil!*”

Processo de formação da palavra por estrangeirismo, assimilação de vocabulário estrangeiro, não se altera o significado e não possui aportuguesamento. A palavra tem como significado *paz*, paz de espírito; paz interior; segurança;

Cada expressão ou interjeição são representações dos fatos do culto ou de algum comportamento do fiel. Essas expressões podem representar situações corriqueiras do dia a dia onde o evangélico.

Outros jargões: *glória e aleluia*

Frases:

- (iii) “*Glória a Deus!*” variantes: “*Quem está feliz dá um Glória a Deus!*” “*Dá Glória aí, irmão!*” *Solta um Glória, irmão!*” “*Oh, Glória!*”

Tais usos são provenientes também de textos contidos na Bíblia. Este jargão serve como exaltação e adoração a Deus, como agradecimento e felicidade por um acontecimento bom. Na maior parte das vezes este jargão e suas derivações ocorrem como uma saudação conclusiva após uma fala do preletor que causa apreço ou satisfação na plateia presente, seguida de aplausos. Exemplo:

Frases:

- (iv) *Preletor/ pregador*: “*Deus fará milagres nesta noite!*”. *Plateia*: “*Glória a Deus!*”.

Entre os diversos textos bíblicos em que “se dava glórias a Deus” pode-se citar o Evangelho de João 11.40: “Respondeu-lhe Jesus: Não te disse eu que, se creres, verás a glória de Deus?” A aplicação dos jargões demonstra como os falantes dessa comunidade conceituam e compreendem o que é “glória”.

Jargões de interjeição podem se desdobrar em jargões de chamamento, direcionando o discurso de forma mais afetuosa, aproximando pela linguagem e uso dos

jargões a plateia ouvinte. Fazendo alusão a como Jesus se referia aos seus discípulos e seguidores, jargão sinônimo de irmão/irmãos, “Amados de meu pai”.

Frases:

(v) “Graça e paz amados!! “Graça e paz, queridos!” “Olá querido!/ Olá querida!” “Oi querido!/ Oi querida!” “Amados irmãos, boa noite!/ Queridos irmãos boa noite!”

Em saudações informais, cotidianas:

(vi) “Olá/ Oi, amado/ amada” “Como vai, querido/querida?”

Significam afetividade no chamamento, uma variação de “irmão/irmãos. Os preletores fazem uso destes jargões de chamamento com o objetivo de mudança.

O jargão *irmão* é mais utilizado quando quem fala se refere a terceiro:

(vii) *Você tem visto o irmão fulano de tal?*

A base bíblica para o uso da expressão pode ser encontrada em diversos textos bíblicos. Por exemplo:

Vós, porém, não queirais ser chamados Rabi, porque um só é o vosso Mestre, a saber, o Cristo, e todos vós sois irmãos. (Mateus 23:8)

Outro jargão que pode ser classificado como de interjeição é o “amém”. Em vez de sim os cristãos optam pelo uso do amém como resposta afirmativa. A palavra amém pode significar; verdadeiramente, de fato, assim seja. Usar amém para sim carrega em seu uso o peso de uma palavra que “está na Bíblia”, revela uma necessidade de credibilidade que pode estar sustentando na Bíblia.

- Amém: substantivo masculino
- Concordância condicional de aceitação: o amém é a palavra que se ressignificou e passou a ser sinônimo de *sim*.

O *amém* seguindo do ponto de interrogação na entoação da fala - *amém?* - demonstra as variáveis do uso deste vocábulo e o que este significa. O termo hebraico é

utilizado para afirmar algo, concordar com, uma interjeição que significa: verdadeiramente, assim seja ou certamente. Fica claro a resignificação do *amém* em frases motivacionais como:

Frases:

(viii) *Você irá sair com sua bênção hoje, amém?*

Resposta: Amém!

A palavra judaica *amém* indica uma afirmação com que se concluem muitas orações no cristianismo, no islamismo e no judaísmo. Em português, tal expressão pode ser traduzida como "assim seja". Com o passar do tempo, passou a ter relação com a esperança futura, como sinônimo de "que assim seja".

Os jargões de interjeição, chamamento ou saudação, foram percebidos em boa parte dos evangélicos da comunidade estudada. Dois fatores foram determinantes para o não uso deste tipo de jargão. O fator idade, adolescentes de até 17 e 18 anos não utilizam nenhuma destas expressões exceto quando se pronunciam para um grupo maior de adolescentes. O uso do da variável *amém* como sinônimo de *sim* não se restringe a nenhuma faixa etária ou sexo, está presente na igreja. Jovens adultos acima de 25 anos fazem uso dos jargões de saudação com mais frequência independente do momento, se cotidiano informal ou quando direcionado ao numero maior de pessoas. Outro fator que influencia o não uso desse tipo de jargão é o tempo de igreja. Quando o crente é membro novo não se familiariza com a linguagem usada pela comunidade, este fator ‘tempo na comunidade’ se verifica para ocorrência de todos os jargões.

3.4.1.2. JARGÕES DE EXORTAÇÃO OU ADMOESTAÇÃO

Nesse sentido temos os jargões como “*do mundo e ímpio*”. Estar ou pertencer ao *mundo* é não ser convertido ainda, ou seja, um ímpio, não santo ou não salvo. Quando o crente diz “quando eu era do mundo” ele se refere ao tempo em que não havia professado a fé cristã ou não havia se convertido ao evangelho. Há de se pensar que em um primeiro contato uma pessoa que não é do convívio pense que possivelmente estejam falando de outro mundo ou outro plano.

Apontaremos assim, primeiramente uma lista de jargões, seguidos de suas aplicações em frases, significados e análises.

Jargões de exortação ou admoestação – correção:

- Ímpio

(i) *Fulano é ímpio.*

(ii) *Não haja como ímpio/ Não seja ímpio.*

Significado: não pertencer a Cristo, não ser convertido ao cristianismo. A palavra “ímpio” aparece na Bíblia, entre outros livros, no Antigo Testamento no livro do profeta Ezequiel, designação do que não acreditavam em Deus.

- Do mundo

(iii) *Fulano é do mundo.*

(iv) *No tempo em que eu era do mundo.*

Sinônimo de *ímpio* usa-se de modo eufêmico para redução no impacto da linguagem. Neste caso o jargão faz alusão ao Novo Testamento, algumas passagens onde Cristo exorta sobre o amor as coisas do mundo, terrenas. Tiago e João usa a palavra *mundo* para se referirem aos que não seguem os preceitos de Jesus.

A referência primeira deste jargão é a epístola do apóstolo Paulo a igreja de Gálatas. Nesta carta o Paulo distingue as obras da *carne* das obras do espírito (Gálatas 5:19). Carne/Carnal é sinônimo de pecado, ainda na epístola aos Gálatas no versículo 22, Paulo afirma que a igreja deve crucificar a carne.

- Sair do espírito

(v) *Fulano me fez sair do espírito.*

(vi) *Tal pessoa me tirou do espírito.*

Sair do espírito é jargão usado para se referir a algo cotidiano que deixou quem fala nervoso. Antes ele estava no “espírito”, ou seja, calmo, tranquilo, algo o tirou do estado de calma e este “saiu do espírito”, na Bíblia o espírito a que se refere o jargão é o espírito Santo e as representatividades.

- Estar no espírito

(vii) *Permaneçam no Espírito.*

(viii) *Estamos no Espírito.*

Neste caso o jargão significa comunhão, estar no espírito é permanecer em unidade com os demais. E também propicio as benfeitorias da ação dividida, permanecer no espírito é o mesmo que estar aberto às mensagens do evangelho.

- Descer do altar

(ix) Fiquei nervoso e desci do altar.

É sinônimo de *sair do espírito*, porém *altar* representa os altares do Antigo Testamento, a sacralidade do altar dos sacrifícios judaicos representa o mesmo estado de estar no espírito, estado de paz de calma.

- Descer da cruz

(x) Fiquei nervoso e desci da cruz.

Descer da cruz também é sinônimo que representa sair do estado de calma e paz. A cruz representa lugar de controle, estabilidade emocional. Não há relação direta com o texto bíblico apenas uma ressignificação do advento da cruz já que esta representava morte na época de Cristo.

- Tá amarrado

A expressão “tá amarrado”, não aparece na Bíblia, se relaciona direto ao sincretismo da com as religiões de matriz africana, que possuem trabalhos de “amarração”. A expressão é usada para repreensão de algo contrario alguma palavra, ou até doenças, despachos, nas doutrinas pentecostais e neopentecostais utiliza-se para repreensão de espíritos malignos. A palavra que pode ter influenciado a construção deste jargão se encontra nos episódios em que Jesus repreende demônios, “está repreendido”, nas passagens do evangelho de Mateus, Marcos, Lucas e João.

- Cajado, cajadada, cajado puro.

(xi) O pastor levou uma palavra que foi cajado puro.

(xii) Como foi o culto hoje? Só cajadada/ Cajado puro.

Este jargão significa que o culto foi um culto de exortação, o discurso do preletor foi de advertência. Este jargão faz alusão ao tempo dos profetas, tempo de pastores que utilizavam cajados tanto para direcionar ovelhas. O cajado representa algo como palmatória que corrige.

- Dar brecha

(xiii) Não devemos dar brechas!

Uma advertência contras as possibilidades que a falta de atenção. Brechas significa espaços ao pecado.

- Estar na brecha

(xiv) O crente deve estar na brecha.

Este jargão significa que o cristão deve estar preparado para os milagres de Deus.

- Deus puro

(xv) Hoje aconteceu algo que foi Deus puro.

(xvi) A pregação de hoje foi Deus puro.

Este jargão significa que algo se assemelhou a um milagre, ou que houve inspiração divina no caso da palavra, algo foi direto de Deus.

- Servo de Baal

(xvii) Então apareceu um servo de Baal e me fechou! Variações: Tome cuidado com os servos de Baal no seu emprego!

Servo de Baal é um jargão que significa atenção aos possíveis “inimigos”, invejosos ou que procuram atrapalhar avanços. A representação de significado esta localizado na Bíblia no Antigo Testamento, no livro de 1 Reis. Também é usado como eufemismo, para que o evangélico não fale mal nem faça mal aos demais.

- Deus pesou a mão

(xviii) Isso prova a justiça de Deus, Deus pesou a mão.

Este jargão revela algum fato cotidiano em que o evangélico pode pensar que foi castigo divino, algo como corrupção, por exemplo, Deus teria castigado, correção divina.

- Deus tirou a mão

(xix) Ele perdeu o emprego, pois não era dizimista, Deus tirou a mão não é?

Este jargão também significa uma correção divina, *Deus tirar a mão* significa parar de abençoar, porém pelo fato deste membro não se dizimista contribuir financeiramente com a igreja.

- Devorador ou gafanhoto

(xx) *Se você não for dizimista da brecha para o devorador para o gafanhoto.*

A passagem do AT contida no livro do profeta Malaquias, é ressignificada. Gafanhoto ou devorador é usado pelos preletores no intuito de perpetuação da teologia da prosperidade. Os jargões significam que a falta de colaboração financeira acarretará necessidade.

- Laço/ Chuta que é laço

(xxi) *Cuidado com esse relacionamento é laço, chuta.*

(xxii) *Cuidado com tal oportunidade, pode ser laço.*

Laço representa algo que pode não ser bom, algo enganoso. Significa para o cristão tomar cuidado com determinadas situações. Na Bíblia encontra-se a palavra ‘laço’ no livro dos Salmos capítulo 124, o laço que é citado, significa uma armadilha.

- Liberar perdão

(xxiii) *O cristão deve liberar perdão.*

(xxiv) *Cristo liberou perdão, devemos liberar perdão.*

Liberar perdão, significa perdoar, porem acrescido do verbo liberar se torna jargão. Na Bíblia a construção é inexistente, liberar perdão significa que é um trabalho difícil.

- Ministrar ou ser ministrado

(xxv) *Fulano vai ministrar a palavra. Variações; “ O apóstolo ministrou cura no culto de hoje” “Você precisa deixar Deus ministrar você” “Aquela mensagem ministrou minha vida”. “A ministração de hoje foi benção”.*

Nas traduções utilizadas nesta pesquisa não se encontrou a forma verbal ministrar, este jargão tem como processo de formação a derivação do substantivo ministro, ministério. Ministrar significa levar a palavra, “pregar” a palavra. Ser ministrado significa receber

algo espiritual por intermédio desta palavra, como visto na frase citada “ministrou cura”.

- Fogo, no fogo, fogo puro
- (xxvi) *A palavra foi fogo puro. Variações: “A igreja estava no fogo” “O seminário foi do fog”.*

Fogo significa algo sobrenatural, se relaciona ao fogo do espírito, passagem do Livro de Atos, o pentecostes. Um momento de êxtase no culto, emoção, transe relativo aos adeptos da teologia pentecostal e, neste caso neopentecostal.

Relacionado ao jargão fogo tem as variações imperativas:

- Queima, queima Jeová e queima Jesus.
(xxvii) *Vai queimando toda enfermidade queima Jesus!” “Queima toda enfermidade, queima Jeová!”*

A raiz bíblica para o jargão queima também é inexistente, porém está ligado ao evento de Pentecostes. Pedir para Jesus “queimar” é o mesmo que arrancar, dissipar ou tirar. Neste caso queimar a enfermidade significa cura, porém de forma imperativa, como se dá uma ordem a Jesus. Jeová é o nome transliterado do hebraico Yavé (Yhwh), aparece na Bíblia inúmeras vezes, deixaremos sua análise para na classe dos jargões de significação ou referência.

- Determinar bênção ou decretar vitória.
- *Deus está decretando sua vitória.*
- *Sua vitória está decretada.*
- *Determine sua vitória.*

Decretar ou determinar a bênção ou vitória são jargões que podem ser inseridos também na classe dos jargões de ânimo e motivação. Encaixamos estes aqui, pois estes jargões também podem servir como ordem. Está bênção decretada ou determinada também se relaciona com a teologia da prosperidade, é sinônimo de milagre. Determinar a bênção é consumir algo que pela fé pode acontecer.

- Juízo / juízo de Deus
- *Entre em juízo com Deus.*

- É tempo de juízo de Deus.

Entrar em juízo com Deus significa correção. Corrigir suas práticas, analisar se existe pecado nelas. O juízo de Deus se refere ao período dos profetas do AT. Este jargão pronunciado geralmente por um líder que está à frente serve de exortação.

3.4.1.3. Jargões de estímulo, ânimo ou motivacionais.

- Determinar bênção ou decretar vitória.

- *Deus está decretando sua vitória.*

- *Sua vitória está decretada.*

- *Determine sua vitória.*

Decretar ou determinar a bênção ou vitória são jargões que geram motivação e esperança na comunidade. Decretar, determinar tem peso discursivo de ordenança e fé.

- Armadura de Deus

- *Se vista da armadura de Deus!*

- *Nós precisamos nos revestir da armadura de Deus!*

A armadura de Deus que se refere este jargão está na Bíblia, em Efésios capítulo 6. Cada parte da armadura simboliza funções, como justiça, paz, e salvação. Este jargão se propaga com a noção de que o cristão vive uma batalha constante.

- Sair do Egito.

- *É tempo de sair do Egito!*

- *Vamos sair do Egito amados!*

O jargão sair do Egito faz alusão ao tempo de escravidão do povo hebreu liderado por Moisés, tempo de opressão. Sair do Egito significa melhorar de vida, um novo tempo de melhores conquistas.

- Maná

- *Deus vai dar o maná que você precisa.*

- *Pede o maná pra Deus.*

- *Se você clamar Deus te dará o maná.*

Maná era uma espécie de “farinha” que por milagre caía do céu neste tempo de êxodo, saída do Egito do povo hebreu. Significa provisão específica, pedir a Deus o maná é pedir uma solução, uma provisão a alguma necessidade, um milagre.

- Deserto

- *Deus vai te tirar desse deserto.*

- *É tempo de sair do deserto.*

Sair do deserto significa deixar o tempo difícil, também remeto ao tempo que os hebreus estavam no deserto. Sair do deserto é buscar uma condição de vida melhor.

- Em nome de Jesus

- *Receba a bênção em nome de Jesus.*

- *Isso vai dar certo em nome de Jesus.*

- *Estou esperando um emprego. Resp.: Em nome de Jesus vai dar certo.*

Comum às demais denominações cristãs evangélicas, porém ainda mais forte e recorrente nas denominações neopentecostais. Devido à premissa de relação com a teologia da prosperidade, muito da lógica da atração, o que se profetiza acontece. Utiliza-se da expressão “*em nome de Jesus*” com base no exemplo escrito na Bíblia, a priori como objetivo de alcançar algo pelo poder que há no nome de Jesus, no texto de João 14 versículo 13 (tradução João Ferreira de Almeida revista e atualizada 2ª edição) Jesus explica que aquele que pedisse ao Pai em seu nome seria atendido.

“E tudo quanto pedirdes em meu nome eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho” (João 14:13).

Os cristãos fazem uso dessa expressão com intuito de prece, um pedido ao intercessor junto a Deus, Cristo, objetivando algo em nome de Jesus dando ênfase espiritual esse pedido, mesmo que este algo se represente no material, objetivo da expressão são o ânimo e a força de Jesus para que as “coisas” melhorem.

- Voto/ voto com Deus

- *Fiz um voto com Deus e fui abençoado.*

- *Estou em voto com Deus.*

Os votos com Deus foram feitos ao longo dos anos por profetas e líderes como manifestação pública de suas crenças. Assemelham-se as promessas realizadas no catolicismo, entretanto com a diferença que o voto é uma consagração a Deus sem necessariamente almejar recompensa. O voto geralmente está acompanhado do jejum, que se confunde com a matriz bíblica de consagração passando significar sacrifício por bênção.

- Receba

- *Receba cura!*

- *Receba Libertação!*

- *Receba vitória!*

Não há referência bíblica para este jargão, seu significado está diretamente à teologia pentecostal. Uma ordenança pastoral que impõe.

- Tremendo

- *O culto foi tremendo!*

- *O encontro foi tremendo!*

- *O seminário foi tremendo!*

O adjetivo tremendo na Bíblia é empregado, ora para referência direta a figura de Deus ora para suas manifestações e milagres. Por esta comunidade, principalmente pelo movimento celular G-12, o jargão tremendo é utilizado para se referir a qualquer evento, culto ou célula, utilizado como fala que manifesta alegria. Ainda é empregado como sinônimo de pavor ou grandeza.

Nesta comunidade as mensagens tanto nas células quanto nos cultos são praticamente as mesmas isso facilita a fala que se faz entendida pelos frequentadores.

3.4.1.4 Jargões de referência

Denominamos jargões de *referência* os jargões que utilizam nomes judaicos, bíblicos em geral ou de conceitos de culto direto da cultura hebraica na tentativa de agregar valor ou crédito, que o texto bíblico possui, à fala.

As comunidades evangélicas neopentecostais possuem muitas delas, líderes intitutados apóstolos ou bispos. As esposas destes apóstolos desempenham funções dentro das comunidades, recebendo a variável linguística feminina referente à nomenclatura de seus cônjuges. A influência do texto bíblico, neste caso, é inexistente. Haja vista que não existe menção nas escrituras de “apóstolas” ou tampouco “bispas”. Na comunidade analisada existem dois tipos de líderes, apóstolo e apóstola, pastores e pastoras.

Análise dos termos:

- (i) Apóstolo: substantivo masculino, singular.
- Latim: *apostolus*
- Grego: *apóstolo*
- Significado: *cada um dos 12 discípulos de Jesus Cristo, encarregados de difundir a palavra de Deus; membro da Igreja que primeiro pregou a fé cristã em determinado país ou região.*
- (i) Apostol(a): substantivo feminino, singular, não dicionarizado.
- Latim: inexistente
- Grego: inexistente

O vocábulo bispa, ainda é inexistente nos dicionários, porém é comum formalmente nas comunidades não só evangélicas. Igrejas como Católica e Anglicana também possuem bispas legitimadas por suas lideranças em maiores instancias.

- (ii) Bispo: substantivo masculino singular
- Significado: *prelado com poderes de conferir os sacramentos da confirmação e da ordem, e que é posto na direção espiritual de uma diocese; chefe espiritual de uma diocese.*
- Latim: *Episcopus*
- Grego: *Episkopus*

Vocábulo feminino

- (ii) Bisp(a): substantivo feminino singular, não dicionarizado
- Substantivo regular respectivo > Episcopisa
- Possui mesma raiz grega: *Episkopoi*

Outros exemplos inerentes se relacionam diretamente com a percepção do bem e do mal representado pela figura de Deus e do diabo. Não só cristãos evangélicos (protestantes) tratam o vocábulo que se refere ao diabo com certa cautela, mas outras vertentes que consideram a figura demoníaca como real, representante do mal, pois se pensa que pode atraí-lo, invoca-lo ou algo parecido. Sempre que se referem ao diabo o fazem de maneira eufêmica.

Popularmente, independente da comunidade falante e não só no meio cristão, diabo recebe incontáveis nomes e variações. Particularmente no meio evangélico os chamamentos para diabo recebem variações proporcionais à percepção deste com a doutrinação da comunidade. As vertentes neopentecostais propagam um discurso de cunho mais apelativo, que tendo ao apelo da devoção e fé pelo medo, isso produz diferentes vocábulos para se referir ao diabo.

- (iii) Inimigo
 - *O inimigo não brinca em serviço.*
 - *Cuidado com as brechas, o inimigo está à espreita.*
 - *Quem peca se torna inimigo de Deus.*

Usam-se jargões eufêmicos para não usar palavras como diabo e satanás. Este jargão não é recorrente, mas é visto quando deseja é amenizar o impacto da linguagem que as palavras diabo ou satanás traria ao discurso, visto que a teologia neopentecostal tem advertência e o medo com uma premissa para doutrinação dos fieis. Ser inimigo de Deus é sinônimo de ímpio.

- (iv) Levita
 - *Eu sou levita do Senhor.*
 - *Subam no altar os levitas.*

Levita era o nome dos hebreus que pertenciam à tribo de Levi, que segundo a história bíblica era a tribo que servia ao povo hebreu, de diversas formas uma delas era a responsabilidade pelas canções do templo. Levita é o jargão utilizado para se referir aos músicos, os instrumentistas e cantores. O jargão significa que os músicos e cantores são os “levitas” de hoje. Vale a ressalva de que assim como outros diversos nomes da cultura judaica são aplicados na comunidade como jargões sem uma lógica, haja vista que após a destruição do templo em 70 d.c. as funções dentro da igreja foram novamente distribuídas pelos fariseus.

- (v) Rebeca e Isaque
 - *Essa é minha Rebeca!*
 - *Estou orando pela minha Rebeca!*
 - *Estou orando pelo meu Isaque.*
 - *Entregue seu Isaque no altar!*

As referências dos jargões Isaque e Rebeca têm como base personagens do AT. Isaque filho Abraão e Rebeca a esposa prometida vinda das terras de Harã, passagem contida no livro de Gênesis no capítulo 24. Os dois representam uma pessoa boa para se casar, alguém que seja bom marido ou esposa, na passagem bíblica Abraão não gostaria que seu filho casasse com alguém da mesma região, então ordena a seu servo que buscasse uma esposa.

- (vi) Acabe e Jezabel
 - *Fulano é Acabe!*
 - *Fulana é Jezabel!*
 - *Isso é espírito de Acabe!*
 - *Isso é espírito de Jezabel!*

Acabe e Jezabel eram reis de uma das dez tribos de Israel, os dois eram maus, a rainha não era israelita suas vontades prevaleciam sobre a do marido. Este jargão é para referenciar mulheres de personalidades fortes, casamentos onde a submissão, tradicional, é invertida.

- (vii) Acã
 - *Isso é espírito de Acã.*
 - *Fora espírito de Acã.*

A referência bíblica deste jargão remete ao texto de Josué capítulo sete. Acã havia descumprido uma ordem divina de não trazer tesouros da cidade de Jericó. Isto significa que espírito de Acã é trazer outras doutrinas para dentro da igreja ou contendas diversas.

- (viii) Varão e Varoa
- *Graça e paz varão/ Graça e paz varoa.*

Varão significa homem, na Bíblia aparece, por exemplo, quando o autor se referia a Jesus, como em Atos capítulo 2 e João capítulo 1. O jargão é uma associação de chamamento que se designa aos homens, como “benção”, a variação de gênero varoa se refere à mulher.

- (ix) Dalila
- *Ela tem espírito de Dalila.*

Dizer que alguém possui espírito de Dalila, é sinônimo de adúltera. Dalila na Bíblia foi uma prostituta que traiu Sansão, entregando-o ao povo filisteu inimigo.

- (x) Jeová
- *Fala Jeová!*

Este jargão é a transliteração da palavra Yavé do hebraico que significa Deus. Como as igrejas neopentecostais possuem sincretismo litúrgico com o judaísmo a presença de termos hebraicos é frequente. Assim como Yeshua.

- (xi) Yeshuah

Yeshua é o nome hebraico de Jesus. Assim como Yavé usa-se o nome hebraico de Jesus por familiarização com a cultura judaica. As igrejas neopentecostais cuja manifestação litúrgica se aproximam de alguns costumes judaicos, revelando certo sincretismo religioso se apropriam dos nomes hebraicos.

- (xii) Vaso e Vasa

O jargão vaso e o feminino vasa aludem a metáfora contida no livro do profeta Jeremias no capítulo 18. Nele o autor compara o ser humano a um vaso nas mãos do oleiro, que se pode moldar e reconstruir pelas mãos de Deus. Chama-se vaso ou vasa o homem ou mulher da comunidade.

- (xiii) Papai/ papaizinho
- *Papai do céu te agradecemos.*
- *Papaizinho querido, graças te damos.*

Os diminutivos da palavra pai significam intimidade, apreço e carinho. Este jargão demonstra aos demais uma sujeição fraterna a Deus. Na bíblia a palavra *Aba* significa pai, foi usada por Jesus no evangelho de Marcos capítulo 14.

3.4.1.5. Jargões de ressignificação, neologismos

Os cristãos evangélicos cuja raiz teológica se origina protestantismo, sempre preconizaram por se diferenciarem das demais crenças e religiões, principalmente do catolicismo romano. Tendo a Bíblia como base ideológica, traduzidas para a língua portuguesa como a João Ferreira de Almeida, no século XVII. Tanto nos ritos quanto nos comportamentos esse distanciamento expressa em âmbitos gerais e se evolui até os dias de hoje, essencialmente, pela linguagem. A saber, que a chamada “santidade bíblica”, separação dos santos (crentes) se reflete nas práticas, o que os distancia caracteristicamente dos demais grupos da sociedade. Algo como uma “tribo”, como roqueiros, hippies, que direcionam o modo como vivem de acordo com seus gostos primeiramente musicais, neste caso pela ideologia filosófica cristã, diferenciados do catolicismo, baseados nas premissas protestantes de Lutero, e suas noventa e cinco teses.

O surgimento do jargão: “*santão*”, cumprimento informal cotidiano, variação para o aumentativo de *santo*.

- (i) Santão: adjetivo masculino; singular; aumentativo não dicionarizado.
- Significado: indivíduo (neste caso) alguém com mais tempo na fé, membro da comunidade, quase um líder; sagrado, separado.
- Processo de formação de palavra: derivação sufixal, aumentativo.
- Grego: *Hieros*
- Latim: *Sanctus*

O jargão santão é utilizado também para saudações e cumprimentos, interjeição, porém são direcionados às pessoas que desempenham um papel de liderança na

comunidade, que estão presentes como membros por um tempo considerável. A referência bíblica para santo se encontra nos textos veterotestamentários e também no novo testamento. Antes pela liderança do povo hebreu e profetas – santo – posteriormente pelas palavras de Jesus e dos primeiros apóstolos e discípulos.

- (ii) Ministério
 - *O nosso primeiro ministério é a família.*
 - *Busque seu ministério.*
 - *Cuide de seu ministério.*

O jargão ministério significa o trabalho individual de cada um. Significa exatamente o serviço de cada um dentro da igreja, a começar pela família. Os ministérios podem ser divididos, entre ministério de musica, dança ou ensino. Ministério faz referência ao trabalho primeiramente de Cristo, depois de seus apóstolos e discípulos, a palavra, ter um ministério é um trabalho dentro da comunidade, seja ele qual for.

- (iii) Obra/ obra de Deus / obra das trevas
 - *Isso é obra das trevas!*
 - *Isso é obra de Deus! Obra dos céus!*
 - *Irmão tem que fazer a obra!*

Existe uma diferença entre o uso do jargão obra. Na primeira frase obra significa trabalho do inferno, como se o diabo tivesse feito algo de mal. Na segunda é a figura de Deus sendo exaltada por algo de bom que ocorreu. Na terceira obra tem significação semelhante à de ministério, porém é específica, é a obra de Deus, o evangelho.

- (iv) Bênção
 - *Conquistei uma bênção!*
 - *Jesus vai dar sua bênção!*
 - *Essa pessoa é uma bênção!*
 - *E ai benção/ Oi bênção!*

O jargão bênção recebe significação diferente. Na primeira frase significa algo conquistado no campo material, bênção aqui tem sinônimo de vitória assim como na

segunda frase. Nas duas seguintes o jargão recebe a significação de pessoa boa, tanto para uma saudação que se pode substituir por “abençoado” como elogio.

3.4.1.6. Jargões de jocosidade, maldizer ou escárnio.

Os jargões de jocosidade ou escárnio são jargões utilizados pelos fieis da comunidade em momentos de descontração e riso, nos quais utilizam algo que fora criado pela própria comunidade na intenção de fazer piada com alguém ou de uma situação cotidiana. Tais jargões, em boa parte, são formados por processos neológicos, composições de expressões típicas da comunidade.

- *(i) Retété ou Repepé*

Significa que alguma pessoa está no espírito similar ao fogo, a palavra é uma onomatopeia do bater os pés no chão.

- *(ii) Jesuscidência*

Palavra composta por aglutinação das palavras Jesus e coincidência. Significa que para dar conotação espiritual a algum fato juntou os vocábulos, para não deixar o acontecido por força do acaso.

- *(iii) Só Jesus na causa.*

A expressão se tornou um jargão, é utilizado para representar algum fato ou algum sujeito que foi preciso ter paciência para suportar.

- *(iv) Crentino*

Palavra composta por aglutinação das palavras crente e cretino. Designada a alguém de caráter duvidoso.

- *(v) Ouvir de púlpito.*

Significa que já é sabido pelo sujeito, algo que já foi falado pelo pastor.

- (vi) *Berço cristão*

Este jargão é utilizado para dizer que o sujeito vem de família cristã, é cristão desde pequeno.

3.4.1.7. Os “desigrejados X desviados”: análises e o fator social

Constatamos ainda alguns termos que a princípio se referiam a um mesmo grupo de pessoas que deixavam a igreja, o “corpo de Cristo” exercendo mesmo significado. Entretanto verificaram-se diferenças que passaram a ser consideradas pelos falantes, e principalmente por quem saía das comunidades. Estas diferenças foram percebidas na forma como os fiéis deixavam a igreja. Dois grupos diferentes foram formados a partir daí, os *desviados* e os *desigrejados*.

O primeiro grupo de pessoas que se rebelavam contra a fé, em seu âmbito mais geral. Deixam de acreditar nas escrituras, na relação religiosa comportamental e ideológica. Os desviados são aqueles que não estão no “caminho”. Como explanado anteriormente, na época de Cristo, seus discípulos e seguidores eram conhecidos pelo apelido de “os do caminho”, alusão ao fala de Jesus. Atualmente recebe o “apelido” de desviado o crente que rejeita os princípios bíblicos como filosofia de vida e não querem mais viver segundo a doutrina da igreja.

Outra palavra foi formada para definir a nova percepção de um grupo de fiéis. Este grupo sustenta um pensamento mais crítico do evangelho contextualizado atualmente, saindo da igreja, mas ainda professando a fé cristã. O que os descontenta não é a religião mas como esta é conduzida por determinados líderes. Os *desigrejados* são então, o grupo que se fazem igreja sem estar nela. São criadores de não mais igrejas, mas de “comunidades” cristãs. Mesmo que possam dizer que este grupo sempre existiu, a meu ver, nos dias de hoje pode já ser considerado uma parte constituinte dos evangélicos que se espalham pelo Brasil.

Frases de aplicação:

- (i) *Fulano saiu da igreja, está desviado.*
- (ii) *Fulano saiu da igreja, está desigrejado.*
- (iii) *Fulano é desviado.*
- (iv) *Fulano é desigrejado.*

(Iv) *Irmãos não se desviem dos caminhos do Senhor.*

- *Desigrejado*: substantivo masculino.
- Processo de formação: derivação parassintética (não dicionarizado)
- Prefixo > des + radical > igreja + sufixo > do = *desigrejado*

Depois de cerca de 40 anos de crescimento exponencial dos evangélicos e do declínio do percentual da presença católica após quase 500 anos de Brasil, algo novo e realmente diferente aconteceu. Não que o número de fiéis identificados como evangélicos ou mesmo o percentual total de evangélicos na população nacional estivesse em declínio. Pelo contrário, segundo Faustino Teixeira (TEIXEIRA; MENEZES, 2013, p. 25) “[...] ocorreu um significativo incremento da presença evangélica nas últimas décadas, com um salto de 6,6% em 1980 para 22,2% da população geral em 2010”. Mas, sem dúvida, mais um fenômeno na religião estaria surgindo no país. (SIMAS, 2015, p.1)

Nos últimos dez anos o número de fiéis que se professaram-se “sem igreja” aumentou de maneira alarmante. Passando de 1.046.487 fiéis para 9.218.1293. Este aumento, por ter sido um aumento significativo, pode ser analisado de diversas formas diferentes. A diferença entre desigrejado e desviado se constrói pela concepção de que desigrejado saiu da comunidade, porém não abandonou as práticas de fé do cristianismo. Já o desviado é aquele que além de sair da comunidade abandonou os preceitos de fé do cristianismo. A concepção deste jargão está presente não só na comunidade El Shaddai mas no meio evangélico nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho analisamos o falar do cristão evangélico em uma igreja na cidade de Campo Grande/MS, que participamos por alguns anos, além disso o material está amplamente disponível no site da igreja, na fanpage da rede social Facebook, canal no Youtube, entre outros. Buscamos compreender as raízes que compõem e constroem a comunidade e seu falar. Verificamos que não existe influência maior na produção do jargão que o texto bíblico. As Escrituras chamadas Sagradas sustentam o pensar dando todo suporte ideológico e doutrinário do cristão evangélico na contemporaneidade.

Até o presente momento, procuramos verificar como diferenças sociais, como, idade, sexo, diferenças de doutrina e até versão do texto bíblico exercem influência extralinguística na construção do jargão. Notou-se que muito do uso do jargão e até a escolha pela não utilização deste, se liga a diversas premissas extra língua, porém a que destoa é o quesito “vertente doutrinária”.

Outro aspecto ligado anteriormente ao momento vivido pelo cristão evangélico é o explanado por Simas

A perda do valor das grandes narrativas, dos sistemas de referência do pensamento humano, a flexibilidade de uma nova hermenêutica e consequente nova forma de ver e interpretar a vida humana em seus variados aspectos, aliados à forma consumista de se ver todos os bens acessíveis aos seres humanos, criaram um ambiente propício para a fluidez dos valores e conceitos que regem a vida humana, incluindo a religião (2015, p.103).

Por este viés “líquido” moderno que tanto a sociedade consequentemente a religião se encontra, que esta pesquisa se enveredou, almejando concatenar língua e religião e produzir significativas postulações sobre o assunto.

Verificou-se que o uso de jargões pressupõe uma contradição com a raiz do cristianismo. A mensagem do evangelho precisa ser de fácil compreensão, acessível a todas as castas sociais, faixas etárias, a todas as línguas, nações e culturas. Jargões podem facilitar a comunicação dentro do contexto da comunidade, mas dificulta a comunicação do demais que ainda não pertencem ao cristianismo. Esse paradoxo não só revela que a comunidade restringe pelo uso dos jargões o acesso a mensagem bíblica, mas ao acesso da interação pessoal. Ficando evidente que os jargões influenciam para a formação de uma identidade de grupo, o jargão é a marca de fala que delimita o grupo social. Além de quesitos como a roupa, a frequência e um mesmo local de culto, as

práticas em geral é na fala que se insere no grupo, assim como a gíria insere o sujeito em uma determinada tribo, o jargão o insere num grupo de fala prestigiada.

O uso de jargões ou também classificado como gíria por Câmara Jr. este descreve que jargão/gíria é um vocabulário que comum a um grupo que por sua vez faz seu uso na intenção de se distinguirem da massa dos sujeitos falantes (1986, p.127).

Sabendo que é por meio da linguagem que uma sociedade se comunica de modo que possibilita retratar o conhecimento e consciência de si próprio e o mundo que se inseri (Leite; Callou, 2002, p.7). Por este viés não se visa juízo de valor, apenas a análise da linguagem do cristão e de sua comunidade de fala. Suas variações, o uso ou desuso de determinado jargão são marcas relevantes do histórico cultural que se reflete lexicalmente. Assim como a extensão do território brasileiro se mostra vasto as variações de comunicação entre as diversas denominações protestantes que aqui se instalaram, a análise se vale deste artifício para colher dados relevantes. Enquanto um determinado grupo se define pelo uso de jargões outros tantos se definem pelo não uso deles.

Por esse viés notamos que, não só o cristão evangélico, mas todo aquele que professa a algum tipo de fé ou religião pode ser conhecido pelo falar. Diferenciando assim uns dos outros de modo não segregativo, mas enquadrando o que fala em seu meio de convívio, num processo mais natural possível. Dentre relevantes aspectos sobre as funções da linguagem, esta pode representar a cultura, condição social e nível de escolaridade do falante.

Referências bibliográficas

- DA SILVA; COELHO; VIEIRA; Yask, Lásara, Régia. ____ *A glossolalia em Pentecoste: a comunicação para difusão do cristianismo Glossollary in Pentecosts: communication for the difusion of Christianity*. Revista dos alunos de pós-graduação em Ciência da Religião, UFJF, 2012.
- ALKMIM, T.M. *Sociolinguística: Parte I* In. MUSSALIM, F. BENTES, A.C. *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2003. v.1. p.21-47.
- BAUMAN, ZYGMUNT. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BALIEIRO JR, A.P. *Psicolinguística*. In MUSSALIM, F. BENTES, A.C. *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. v.2. p. 171-202.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro: 1997.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORBA, F.S. *Introdução aos Estudos Linguísticos*. 12 ed. Campinas: Pontes, 1998.
- BURKE, Peter e PORTER, Roy. *Línguas e Jargões – Contribuições para uma historia social da linguagem*. Editora UNESP, São Paulo: 1997.
- BURKE, Peter. *Introdução*. In. BURKE, Peter e PORTER, Roy. *Línguas e Jargões – Contribuições para uma historia social da linguagem*. Editora UNESP, São Paulo: 1997.
- BURKE, Peter. *O jargão na escola*. In. BURKE, Peter e PORTER, Roy. *Línguas e Jargões – Contribuições para uma historia social da linguagem*. Editora UNESP, São Paulo: 1997.
- BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CALLOU, D. ; LEITE, Y. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002
- CALVET, L. J. *Sociolinguística uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- CÂMARA JR., Joaquim Matoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *A Geolinguística no Terceiro Milênio: monodimensional ou pluridimensional?* Disponível em: http://www.gelne.ufc.br/revista_ano4_no2_12.pdf Acesso: 10/04/10 LYONS, J. *Linguagem e Linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

CASTOLDI, Ticiano. *A igreja que conquistou o Império: A história da ascensão do cristianismo no Império Romano*. UNIVATES, Lajeado, 2014.

CÉSAR, Elben M. Lenz. *História da evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais*. Viçosa: Ultimato, 2000.

CONDE, Emílio. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: 1960.

DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da Bíblia*. R. P. Sheed. São Paulo: Vida Nova, 1983.

FEITOSA, José Alves Feitosa. *Breve história dos batistas do Brasil: memórias*. Rio de Janeiro, 1978.

FRESTON, Paul. *Evangélicos na política brasileira: história ambígua e desafio ético*. Curitiba: Encontro, 1994.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 7. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1978.

GOMES, Nataniel dos Santos. *Sociolinguística análise e descrição do falar de funkeiros dentro da comunidade da Rocinha*. Circulo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. Revista Philologus. [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/9\(27\)10.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/9(27)10.htm); 2003.

GUY, Gregory. *A Identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação linguística*. Organon, Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre.

HURLBUT, Jesse Lyman. *A história da Igreja Cristã*.

KRISTEVA, Julia. (1969). *História da Linguagem*. Trad. Maria Margarida Barahona. Edições 70: Lisboa.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LEONARD, Émile G. *O protestantismo brasileiro, estudo de eclesiologia e História Social*. Rio de Janeiro e São Paulo, JUERP e ASTE, 1981.

LIMA, Patrícia. _____. *O Eufemismo como mudança valorativa do significado: Um olhar sobre os discursos jornalístico e político*. <http://www.webartigos.com/artigos/o-eufemismo-como-mudanca-valorativa-do-significado-um-olhar-sobre-os-discursos-jornalístico-e-político/29633/#ixzz3XOz2umW5>, 2009.

LUCCHESI, D. ARAÚJO, S. *A teoria da variação Linguística. Vertentes do português popular do estado da Bahia*, 2016. Disponível em: . Acesso em: 25 Janeiro 2016

MARRA, D; MLANI, S. Uma teoria social da Língua(gem)... In. *Linha d'Água*, n. 25 (2), p. 67-90, 2012

MARTELOTTA, Mario. (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

MOLLICA, M. C e BRAGA, L. M. *Introdução à Sociolinguística. Fundamentação Teórica: conceituação e delimitação*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

MONTEIRO, José Lemos. *Para Compreender Labov*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MOLLICA, M. C. e BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística - o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MUSSALIM, F. BENTES, A.C. *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2003. v.1. p.49-75.

NORBERT, Elias. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.

PRETI, Dino. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

REILY, Duncan Alexander. *História documental do protestantismo no Brasil*. 2ª impr. rev. São Paulo: ASTE, 1993.

RAMOS, André Gonçalves. *A linguagem dos espíritas sob a perspectiva do jargão*. Circulo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, 2009. http://www.filologia.org.br/revista/_53/02.pdf, 2012.

RIBEIRO, Simone Nejaim. *A língua do adolescente linguagem especial ou gíria?* <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/12/04.htm>, 2006.

SIMAS, Marcos Rodrigues. *Igreja-líquida: fenômeno de uma nova forma de religiosidade cristã- evangélica, observada no site Genizah*. Universidade Presbiteriana Centro de Educação, Filosofia e Teologia Programaria Mackenzie de Pós-Graduação em Ciências da Religião. São Paulo, 2015.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.

